

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Felipe Girardi

**ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: UM ESTUDO BIOGRÁFICO
SOBRE A FAMÍLIA SILVA E SOUZA, EM SANTA MARIA/RS**

Santa Maria, RS
2017

Felipe Girardi

**ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: UM ESTUDO BIOGRÁFICO SOBRE A
FAMÍLIA SILVA E SOUZA, EM SANTA MARIA/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em História**.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Beatriz Teixeira Weber

Santa Maria RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GIRARDI, Felipe
ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: UM ESTUDO BIOGRÁFICO
SOBRE A FAMÍLIA SILVA E SOUZA, EM SANTA MARIA/RS /
Felipe GIRARDI.- 2017.
88 p.; 30 cm

Orientadora: Beatriz Teixeira Weber
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2017

1. Espiritismo 2. Biografia 3. Memória 4. Homeopatia
5. Santa Maria/RS I. Weber, Beatriz Teixeira II. Título.

Felipe Girardi

**ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: UM ESTUDO BIOGRÁFICO SOBRE A
FAMÍLIA SILVA E SOUZA, EM SANTA MARIA/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal de Santa Maria,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de **Mestre em História**.

Aprovado em 01 de fevereiro de 2017

**Beatriz Teixeira Weber, Dr^a. (UFSM)
Presidente/Orientadora**

Paulo Roberto Staudt Moreira, Dr. (UNISINOS)

Claudira do Socorro Cirino Cardoso, Dr^a. (UFSM)

**Eliane Cristina Deckmann Fleck, Dr^a. (UNISINOS)
Suplente**

**José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM).
Suplente**

Santa Maria, RS

AGRADECIMENTOS

Cumpre-se mais uma importante etapa em minha vida profissional e acadêmica. Neste tempo, pude contar com o apoio, carinho e amizade de muitas pessoas, às quais é justo e necessário prestar uma singela homenagem através destas linhas.

Agradeço à professora Beatriz Weber, minha orientadora pelo incentivo, orientação e carinho que me dispensou ao longo dos últimos anos, e em especial neste período de mestrado. Essa relação, iniciada ainda durante a graduação, contribuiu imensamente para minha formação acadêmica e humana. Estendo os agradecimentos aos amigos e colegas de nosso grupo de pesquisa, recém batizado como Prismas: Bruno Scherer, Renan Mattos, Gilvan Moraes, Paulo Vianna, Calison Pacheco e Dalvan Lins. Separei a Rayssa Wolf não por bullying, mas para destacar o agradecimento pela amizade, parceria e apoio que me dedicou nestes dois anos.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa, que permitiu a realização da pesquisa e das atividades discentes nas melhores condições, possibilitando o custeio de materiais e a participação em eventos no país e também na Argentina.

Agradeço aos professores Paulo Moreira e Claudira Cardoso, pela participação nesta banca e pelas preciosas sugestões e considerações que fizeram em relação ao trabalho no exame de qualificação. Agradeço também aos membros suplentes, José Remedi e Eliane Fleck.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSM e a todas as pessoas que o compõem. Agradeço a todos os professores, pela grande colaboração em minha formação, e em especial à professora Maria Medianeira Padoin que, através da coordenação do PPGH, em muito colaborou neste processo. Dirijo este agradecimento também aos servidores e funcionários que trabalham todos os dias para que tenhamos as melhores condições de trabalho e estudo. Nesse sentido, menciono de forma especial os servidores que trabalharam na secretaria do Programa nestes anos, Jorge Pereira e Tiago Trindade. Agradeço a todos os colegas do PPGH, do mestrado e do doutorado, especialmente meus colegas de turma de mestrado/I semestre 2015, em especial à Denise Verbes Schmitt, ao João Davi Minuzzi e à Simone Margis.

Agradeço imensamente aos meus amigos, de perto e de longe, por sempre estarem ao meu lado e compreenderem as ausências e longo tempo sem visitas.

Muito obrigado Márcio, Pedro, Gabriel e Athos, pelos dez anos que nos conhecemos! Obrigado Mariana, Aline, Júnior, Thaís e Heverton, gente querida de Bagé. Obrigadão Julhiana, minha comissária de bordo favorita! Muito obrigado, Felipe Pereira, meu grande amigo desde o primeiro dia do vestibular pelo qual entramos no curso de história. Muito obrigado, Chele Becher, minha irmã gabrielense. Muito obrigado, Dionatan Schmidt, e dale Grêmio! Muito obrigado, Danie Fonseca, que, além de ser amiga, traduziu gentilmente o resumo deste trabalho.

Agradeço imensamente à minha família, por todo o apoio, carinho e amor que me deu ao longo de toda a minha vida. Muito obrigado mãe, Isabel Medeiros Girardi, por tudo! Muito obrigado Emanuel e Ivana, meus irmãos, por sempre estarem do meu lado. Obrigado ao meu sobrinho Antônio e à minha cunhada Lizete. Menciono também, *in memoriam*, ao seu Noé, pelo apoio e conselhos.

Agradeço infinitamente à minha namorada, companheira, amiga, mulher... Tati Gomes. Colaborou comigo em todos os estágios deste trabalho, e está comigo em todos os momentos de minha vida. Te amo infinitamente! Agradeço também a seus familiares, pelo carinho e apoio.

Meu imenso agradecimento à família Silva e Souza, pela compreensão e colaboração nesta pesquisa. Agradeço pelas conversas, sugestões e cessão de materiais, de forma especial, às senhoras Nilza Souza Dias e Florina Souza Pinto, bem como ao senhor Paulo Roberto Souza e a senhora Cora Mercedes Machado e Souza, e aos demais familiares. Agradeço de forma especial a colaboração, amizade e disponibilidade absolutas do Marcelo Beltrame e Souza, que abriu as portas da Farmácia Cruz Vermelha a mim e meus colegas, e me ajudou de todas as formas possíveis, visitando familiares, buscando documentos e conversando comigo periodicamente sobre a pesquisa. Registro também um agradecimento especial à farmacêutica Denise Giorgi pela sua contribuição na busca por fontes para a pesquisa.

Por fim, registro o agradecimento à Sociedade Espírita Estudo e Caridade, à Aliança Espírita Santa-mariense e à Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança, que há anos colaboram e permitem a realização de nossas pesquisas.

*Somos nuestra memoria,
somos ese quimérico museo de formas inconstantes,
ese montón de espejos rotos.*

Jorge Luis Borges

RESUMO

ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: UM ESTUDO BIOGRÁFICO SOBRE A FAMÍLIA SILVA E SOUZA, EM SANTA MARIA/RS

AUTOR: Felipe Girardi

ORIENTADORA: Beatriz Teixeira Weber

A presente dissertação aborda a trajetória da família Silva e Souza, em Santa Maria (RS) a partir do casal João da Fontoura e Souza e Florina da Silva e Souza, destacadas lideranças do movimento espírita de Santa Maria/RS, e de seus filhos. Neste trabalho, destaca-se especialmente a vinculação da família com diversas instituições espíritas da cidade e com a prática da homeopatia, a partir da fundação da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, em 1926. Esses elementos, e outros, como a prática da caridade através de obras de assistência, serão analisados no sentido de compreender a relação estabelecida entre eles pela família. Cabe salientar que este trabalho visa elaborar um relato biográfico sobre a família Silva e Souza, situando-a no contexto histórico do movimento espírita santa-mariense. Nesse sentido, o foco da reflexão está direcionado para a constituição da memória familiar, a partir dos relatos elaborados pelos familiares em textos de caráter biográfico e autobiográfico, além de outras fontes documentais produzidas pelos indivíduos e pelas entidades a que estiveram ligados.

Palavras-chave: Espiritismo; Biografia; Memória; Homeopatia; Santa Maria/RS.

ABSTRACT

SPIRITISM, HEALTH AND CHARITY: A BIOGRAPHICAL STUDY ON THE FAMILY SILVA AND SOUZA, IN SANTA MARIA / RS

AUTHOR: FELIPE GIRARDI

SUPERVISOR: BEATRIZ TEIXEIRA WEBER

This dissertation approaches the trajectory of Silva and Souza Family, in Santa Maria (RS) through the couple João da Fontoura e Souza and Florina da Silva e Souza, highline leadership of spiritual movement of Santa Maria/RS, and their children. In this work, it is stand out especially the linking of family with many spiritual institutions in the town and with the practice of homeopathy, from the foundation of Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, in 1926. The elements, and others, as the practice of charity by work of assistance, will be analyzed in the sense to comprehend the establish relation among them by the family. I should emphasize that this work aim to elaborate a biographical speech about Silva e Souza family, situated in the historical context of santa-mariense spirit movement. In this meaning, the focus of reflection is directed to the constitution of familiar memory, from the elaborated report by the relatives in texts of biographical and autobiographical character, beyond of other documental sources produced by people and by institutions in which they were connected.

Keywords: Spiritism; Biography; Memory; Homeopathy; Santa Maria/RS.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

FEB - Federação Espírita Brasileira

FERGS – Federação Espírita do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBA – Legião Brasileira de Assistência

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

SAM – Serviço de Assistência a Menores

SAMPAR – Serviço Médico Particular

SBPAC – Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança

SEFEC – Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade

SEEC – Sociedade Espírita Estudo e Caridade

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

VFRGS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS	17
1.1 O ESPIRITISMO DE KARDEC: DA FRANÇA AO BRASIL, DO TRÍPLICE ASPECTO À PROEMINÊNCIA DO ASPECTO RELIGIOSO	17
1.2 ESPIRITISMO E CARIDADE: DA DOCTRINA À PRÁTICA	29
1.3 ESPIRITISMO, HOMEOPATIA E CONCEPÇÕES DE SAÚDE E DOENÇA....	34
2 ESPIRITISMO, CARIDADE E SAÚDE: A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA	40
2.1 A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA.....	40
2.2 A QUESTÃO DAS FONTES: A ESPECIFICIDADE DOS ARQUIVOS PESSOAIS E PRIVADOS	43
2.3 O ESPIRITISMO EM SANTA MARIA E A INSERÇÃO DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA.....	45
2.3.1 João e Florina: União, família e espiritismo	46
2.3.2. Os Silva e Souza e o espiritismo santa-mariense.....	49
2.3.3 Caridade, educação e trabalho: O Abrigo Espírita Instrução e Trabalho e a Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança.....	52
2.3.4 A atuação da família Silva e Souza na área da saúde	55
3 BIOGRAFIAS, ESCRITAS DE SI E MEMÓRIA: VERSÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA	57
3.1 MEMÓRIA, ESCRITAS DE SI, BIOGRAFIAS: ALGUNS ELEMENTOS TEÓRICOS	58
3.2 BIOGRAFIAS DE FLORINA DA SILVA E SOUZA: UMA ESPÍRITA.....	62
3.3 A BIOGRAFIA E OUTROS ESCRITOS SOBRE JOÃO DA FONTOURA E SOUZA.....	73
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BIOGRAFIAS DE FLORINA E JOÃO	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda a trajetória da família Silva e Souza em Santa Maria (RS), considerando a sua atuação no movimento espírita local¹, na promoção de obras de caridade e na oferta de serviços de saúde. A família participou da fundação de diversas entidades espíritas, incluindo aquela que tinha por objetivo congregar as casas da cidade, a Aliança Espírita Santa-mariense. Ressalta-se, também, a participação do casal e de parentes na fundação de *diversas* sociedades espíritas que se afiliaram à Aliança, com destaque para a Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SEFEC), criada entre 1926 e 1927, e ao Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, em 1931.

A história da família também é marcada pela atuação no campo da saúde, especialmente através da homeopatia, da formação acadêmica (em Medicina, Farmácia, Odontologia) e da criação de hospitais e clínicas médicas. João da Fontoura e Souza fundou, em sociedade com o sogro Alfredo Luiz da Silva, em 1926, a Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, uma das empresas mais antigas da cidade ainda em funcionamento. Nas décadas seguintes, os filhos, netos e bisnetos expandiram as atividades, criando outras farmácias em Santa Maria e também em outros municípios, como Caçapava do Sul (RS), Bagé (RS) e Caçador (SC).

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, a partir de experiências pessoais e acadêmicas vivenciadas no ambiente do curso de pós-graduação, na relação com o objeto de pesquisa e a busca e compilação de material documental, a pesquisa tomou caminhos diferentes. Falar sobre essas mudanças, escolhas, problemas e limitações, enfim, sobre o itinerário da investigação, é muito relevante. Trata-se de expor aquilo que Herrero e Herrero (2002) denominaram como “la cocina del historiador”, isto é, evidenciar como o historiador prepara o seu “prato”. O texto, seja um artigo, um ensaio, uma monografia, dissertação ou tese, é o resultado final de um conjunto de etapas.

Inicialmente, a pesquisa tinha como foco o estudo da relação entre a doutrina espírita e a medicina homeopática a partir do caso da família Silva e Souza, com a fundação da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, em 1926, até o final do século

¹ A expressão *movimento espírita* engloba o conjunto de pessoas e instituições que professam o espiritismo, sem necessariamente estarem vinculados aos órgãos federativos, como a FEB e a FERGS.

XX. Essa delimitação temática e temporal era problemática, na medida em que restringia a análise a dois elementos, homeopatia e espiritismo, colocando-os em uma posição de equivalência na trajetória coletiva da família, o que, a priori, não pode ser afirmado. Outrossim, constatei a pertinência de observar a biografia da família de forma mais ampla, bem como a relevância da construção de uma memória familiar sobre a sua trajetória, expressa através de textos de caráter biográfico e autobiográfico. O recorte temporal, por sua vez, necessitava ser readequado, por ser demasiadamente amplo e não ser suficientemente representativo no conjunto da história da família. Nesse sentido, optei por estabelecer como marcos para a pesquisa o ano de 1920, no qual ocorre o casamento entre Florina da Silva e Souza e João da Fontoura e Souza, e o ano de 1971, ano de falecimento de Florina. Neste intervalo de tempo, após a união do casal, nascem seus quatorze filhos e são criadas diferentes instituições e empresas cuja análise é imprescindível para a compreensão da inserção da família no movimento espírita santa-mariense e em obras voltadas para a caridade, como a Aliança Espírita Santa-mariense, a Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SEFEC), o Abrigo Espírita Instrução e Trabalho e a Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança (SBPAC), e outras instituições.

A família Silva e Souza construiu uma trajetória coletiva que está associada especialmente à constituição do movimento espírita em Santa Maria, participando da fundação e da gestão de diferentes entidades espíritas e obras de assistência social e caridade. É relevante, também, citar a vinculação da família com a área da saúde, através da prática da medicina homeopática, da medicina tradicional e de outras formações profissionais. Estes elementos são aqueles que conferem visibilidade pública à família, seja no seio das instituições que fundaram ou participaram, seja na comunidade santa-mariense. Nesse sentido, foram estes aspectos que levaram a considerar a relevância deste objeto de pesquisa. No entanto, com o desenvolvimento do projeto, o contato com as fontes e as discussões realizadas nas disciplinas do mestrado, passei a identificar outras possibilidades de reflexão. A opção pela centralidade da análise das versões produzidas pela família sobre a sua própria história foi uma mudança substancial realizada no curso da pesquisa, do ponto de vista teórico e metodológico. Uma das razões fundamentais para esta escolha diz respeito ao tipo de fonte documental incorporado ao trabalho, os documentos escritos de caráter biográfico e autobiográfico, que oferecem

possibilidades analíticas diferenciadas, que serão abordadas nas páginas que se seguem.

Nesse sentido, entende-se que o objetivo geral desta pesquisa foi realizar a análise da trajetória da família Silva e Souza, com ênfase na construção da memória familiar a partir de textos de caráter biográfico e autobiográfico, abordando sua vinculação com a religião espírita, a prática da caridade e a homeopatia. Foram quatro os textos analisados. O primeiro texto consiste em uma autobiografia manuscrita de Florina da Silva e Souza, intitulada *Fragmentos de “uma existência” começada no ano 1902*, na qual ela aborda diferentes acontecimentos, relacionados especialmente à sua vida pessoal e familiar e sua inserção no movimento espírita. O segundo texto é uma biografia sobre Florina, escrita pela filha Nilza Souza Dias em 1997, com o objetivo de justificar a escolha do nome da mãe para a escola mantida pela SBPAC em Itaara (RS). O terceiro texto, por sua vez, é uma biografia de João da Fontoura e Souza, escrita especialmente por Nilza Souza Dias para ser cedida a esta pesquisa. O quarto texto é uma “carta-testamento” de João da Fontoura e Souza, escrita provavelmente vários anos antes de seu falecimento, na qual ele aborda a situação da família, define o que deveria ser feito com os bens familiares e faz algumas recomendações visando o futuro.

É pertinente mencionar a busca e seleção das fontes e a relação com o objeto de pesquisa. O contato com os descendentes da família Silva e Souza, detentores da maior parte do acervo documental, permitiu constatar o interesse da família em contar a sua própria história, especialmente através da disponibilização de textos (biografias e autobiografia) já escritos. Contatos realizados com familiares permitem constatar, também, que as versões apresentadas sobre diferentes fatos da história familiar correspondem ao discurso presente nos textos. Nesse sentido, julguei ser pertinente dar ênfase à análise da constituição da memória a partir deste tipo de fontes, em detrimento da realização de entrevistas, como estava previsto na primeira versão do projeto.

Essa pesquisa está vinculada a trabalhos anteriormente realizados por mim sobre a prática do espiritismo e suas obras voltadas para a caridade na cidade de Santa Maria, especialmente no Trabalho de Conclusão de Graduação (GIRARDI, 2014). Na monografia, ao abordar o histórico e a atuação do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, vinculado à Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade

(SEFEC)², da qual Florina da Silva e Souza foi uma das fundadoras e presidentes, ficou evidente o vínculo da família com as ações de assistência social e atenção ao menor, através dos abrigos para menores (masculino e feminino), do Hospital Espírita Nenê Aquino Nessi e do atendimento médico às crianças internas do abrigo, conforme denota a documentação utilizada no estudo³. A frequência com que apareciam registros sobre a família despertou o interesse em compreender melhor a complexidade de sua trajetória, o que leva à observação das outras áreas em que seus membros atuaram ao longo do tempo.

O presente estudo, baseado na análise de elementos biográficos, dialoga com as discussões sobre a história das religiões e religiosidades, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento histórico do espiritismo kardecista, a partir da identificação da importância da família Silva e Souza no seio do movimento espírita santa-mariense. A reflexão está pautada por uma percepção de religião enquanto um processo sócio-histórico, vinculado às formas de agir e pensar dos distintos grupos humanos ao longo do tempo, oferecendo um conjunto explicativo de mundo. Ou seja, a pesquisa estabelece um diálogo interdisciplinar, adotando muitos conceitos e abordagens desenvolvidos por essas disciplinas, mas visa produzir uma interpretação de caráter histórico.

Pensando na contribuição oferecida por outras áreas do conhecimento, a análise sociológica de Pierre Bourdieu é fundamental para este trabalho, através de conceitos como poder simbólico e campos, bem como a sua compreensão sobre o papel da religião. Os campos – político, religioso, cultural, filosófico, etc – são uma rede de relações e oposições entre diferentes atores sociais, com as suas estruturas próprias de funcionamento, princípios e hierarquias. Os campos não estão isolados, interagem entre si e se interpenetram, sendo que um mesmo agente pode atuar em diferentes campos e a legitimidade que alcança em um campo pode influenciar a sua atuação em outro campo, dependendo do capital acumulado (BOURDIEU, 2007). Essa noção é muito significativa para a compreensão da construção histórica do espiritismo enquanto uma religião no Brasil. No caso específico desta pesquisa,

² Atualmente, Sociedade Espírita Estudo e Caridade. No trabalho, será utilizada a sigla SEFEC para acontecimentos anteriores ao ano de 1979, no qual a entidade muda de nome, e SEEC para referências a anos posteriores.

³ Livros de Registro de Internos do Abrigo Instrução e Trabalho, atas de reunião e estatutos da Sociedade Espírita Estudo e Caridade, entre outros.

busca-se compreender como se dá a atuação da família Silva e Souza nos distintos campos, bem como a interpenetração entre eles.

É pertinente apresentar alguns aspectos sobre o desenvolvimento histórico do espiritismo. Trata-se de uma doutrina surgida na França em meados do século XIX, que chega ao Brasil poucos anos depois e, neste país, configura-se como uma religião com características específicas, próprias (STOLL, 2002). Allan Kardec, nome que passa a adotar o pedagogo francês Hippolyte León Denizard Rivail, é considerado pelos espíritas como o “codificador” do espiritismo. Ele é o autor dos cinco livros fundamentais da doutrina: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868), além do livro complementar *O que é o Espiritismo?* (1859). Foi o fundador e primeiro editor do periódico *Revue Spirite*, onde publicou vasto material sobre a doutrina, assim como correspondências e discussões com os espíritas franceses e de outros países.

Nesse sentido, alguns autores são referência básica para a abordagem da história do espiritismo e sua configuração no Brasil, tanto na área de história, como da sociologia e da antropologia. Damazio (1994) e Aubrée e Laplantine (2009) constroem um rico panorama sobre a constituição do movimento espírita e sua chegada e difusão no Brasil, destacando os distintos momentos deste processo e os personagens que nele atuaram. Giumbelli (1997), Stoll (2003) e Arribas (2008) abordam aspectos como a construção de um espiritismo marcadamente religioso no Brasil, com a preponderância da Federação Espírita Brasileira (FEB) como agente unificador do movimento espírita brasileiro e como referência para as questões doutrinárias. Sobre o espiritismo no Rio Grande do Sul e em Santa Maria, destacam-se os trabalhos de Miguel (2007), Gil (2008), Mattos (2014), Scherer (2015) e Lins (2016).

No Brasil, o movimento espírita seguiu um caminho próprio, configurando-se em torno de uma perspectiva marcadamente religiosa, independentemente do uso ou não desta categoria pelos espíritas. Aqui, desenvolve-se uma “reconstrução original”, que configura um “espiritismo à brasileira” (STOLL, 2003), muito diferente de outras práticas e religiosidades de caráter espiritualista em nível internacional, incluindo aquelas identificadas com a obra de Allan Kardec. No país, o espiritismo conquista adeptos em diferentes regiões, especialmente nas cidades maiores, sobretudo dentre as camadas mais letradas (não necessariamente mais abastadas),

com especial ênfase para os militares e profissionais liberais, como médicos e advogados.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *Espiritismo, saúde e caridade: Aspectos teóricos*, apresenta um panorama histórico sobre o espiritismo, a partir de sua formulação na França, por Allan Kardec, até sua inserção no Brasil. Abordará, também, o papel assumido pela caridade, em suas dimensões material e moral, no seio do movimento espírita, e a relação estabelecida entre o espiritismo e a homeopatia.

O segundo capítulo, *Espiritismo, caridade e saúde: a trajetória da família Silva e Souza*, aborda a trajetória da família Silva e Souza a partir do casamento entre João da Fontoura e Souza e Florina Pereira da Silva, em 1920, passando pela participação na criação de várias instituições espíritas; pela criação da Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade – Lar de Joaquina, do qual Florina foi a primeira presidente, e do Abrigo Instrução e Trabalho; pelo nascimento dos quatorze filhos e sua progressiva vinculação às atividades realizadas pela família e seu desenvolvimento acadêmico e profissional; pela criação do Hospital Espírita Nenê Aquino Nessi e do Serviço Médico Particular (SAMPAR); pela desvinculação da família do Lar de Joaquina e a fundação da Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança (SBPAC); culminando nos falecimentos de João, em 1963, e de Florina, em 1971. O trabalho estará fundamentado nas discussões teóricas a respeito da escrita de biografias a partir da perspectiva histórica.

O terceiro capítulo, *Biografias, escritas de si e memória: Versões sobre a história da família Silva e Souza*, pretende identificar alguns elementos referentes à construção da memória familiar, utilizando como fonte fundamental textos de caráter biográfico e autobiográfico produzidos por integrantes da família. Nesse sentido, é pertinente uma reflexão sobre as “escritas de si”, isto é, a forma como os indivíduos relatam a sua própria história em forma escrita, bem como sobre a construção da memória. Não é objetivo deste trabalho identificar contradições ou omissões nestes textos, mas sim compreender como essas versões foram concebidas e expressas pela família ao longo do tempo. A relação da família com a SEFEC e o Abrigo Espírita Instrução e Trabalho recebe grande destaque nos textos e, por isso, também neste capítulo.

1 ESPIRITISMO, SAÚDE E CARIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS

Este capítulo, através de revisão da bibliografia pertinente, nas áreas de História, Sociologia e Antropologia, explora conceitos e perspectivas analíticas importantes para a sequência do trabalho, isto é, o estudo biográfico sobre a família Silva e Souza. Para tal, é pertinente explorar o desenvolvimento histórico da religião espírita e sua inserção no campo religioso brasileiro, bem como o papel assumido pela caridade no seio do movimento. A homeopatia, igualmente relevante na trajetória familiar, também será abordada. O capítulo, outrossim, contempla a apresentação de um panorama do campo religioso em Santa Maria/RS no período analisado, identificando o desenvolvimento histórico do movimento espírita santamariense.

1.1 O ESPIRITISMO DE KARDEC: DA FRANÇA AO BRASIL, DO TRÍPLICE ASPECTO À PROEMINÊNCIA DO ASPECTO RELIGIOSO

O espiritismo é uma doutrina de origem francesa, situada entre religião, ciência e filosofia, que foi reconfigurada e ressignificada no Brasil, assumindo um caráter peculiar em relação à sua formulação original, pautada em elementos como a proeminência da prática da caridade e da cultura letrada, através da ênfase nos estudos doutrinários e da produção literária. Esse enunciado é demasiado sucinto para abarcar a complexidade dos processos históricos relacionados à história do espiritismo, mas apresenta alguns dos elementos conceituais que são fundamentais para a sua compreensão, e que serão abordados neste texto.

Inicialmente, é necessário situar espacial e temporalmente o contexto no qual esta doutrina iria ser constituída, o século XIX. Tratou-se de um período de grandes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais no mundo ocidental, marcadas pela Revolução Científica do século XVII, pelo Iluminismo, pela Revolução Industrial e pelas Revoluções Francesa e Americana, ocorridas no século XVIII. A racionalidade e o pensamento cientificista se estabelecem de forma quase absoluta. A ciência, em suas múltiplas especializações, parecia ser capaz de dar respostas a todas as dúvidas, através da experimentação empírica e do método científico. Esse panorama gerava, ao mesmo tempo, grande otimismo em alguns e desconfiança e

pessimismo em outros. Neste contexto, surgiram múltiplas correntes espiritualistas, configurando um

(...) movimento de cunho religioso e intelectual que reunia de forma eclética, difusa, tradições e filosofias de origens as mais diversas (orientais, pré-cristãs e/ou recentemente criadas a exemplo da Teosofia de Helena Blavstsky e do Espiritismo, de Kardec), tendo como perspectiva comum o enfrentamento dos valores da modernidade e preceitos da ciência, de um lado, e a crítica à tradição cristã, de outro (STOLL, 2003, p. 23).

Para Silva (1997), o espiritualismo deve ser entendido como um “movimento espiritual, filosófico e científico centrado na relação com a morte, no contato sistemático e regular com os mortos, nas manifestações conscientes dos espíritos e nos ensinamentos por eles transmitidos” (SILVA, 1997, p. 18). Em suma, podemos situar que o surgimento do espiritualismo está fundamentado na mediação entre ciência e espiritualidade, resultando na construção de uma espécie de “fé racionalizada”, proposta na qual o espiritismo se agrega.

É emblemático para a constituição e popularização do espiritualismo o caso das irmãs Margareth e Catherine Fox, pertencentes a uma família de tradição protestante metodista, em 1844, na cidade de Hydesville, estado de Nova York, nos Estados Unidos. Na residência onde a família morava, foram registrados fenômenos estranhos, através de batidas nas paredes, deslocamentos de objetos e outros ruídos, sem causa aparente. As duas meninas perceberam que esses sons não eram aleatórios, e sim representariam uma forma de comunicação de espíritos. A partir disso, iniciaram a realização de sessões, nas quais essas batidas eram observadas e reproduzidas em uma mesa, que muitas vezes se movia, dando origem ao termo “mesas girantes”. Esses fenômenos ganharam popularidade, e as sessões de comunicação espiritual se espalharam pelos Estados Unidos e na Europa. (WANTUIL, 1958; AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009; ARAÚJO, 2014). Nesse contexto, na França, surgiria o espiritismo.

Hyppolite Léon Denizard Rivail nasceu em 03 de outubro de 1804, na cidade francesa de Lyon. Aos dez anos, foi enviado para Yverdon, na Suíça, para estudar no Instituto Pestalozzi, conduzido pelo educador de inspiração iluminista Johann Heinrich Pestalozzi, influenciado por Jean Jacques Rousseau. Sua formação esteve influenciada, portanto, por valores como a tolerância, a fraternidade e a universalidade. Vivendo posteriormente em Paris, desenvolveu atividade profissional

voltada para a educação, produzindo diversas obras pedagógicas, bem como um projeto de reforma do sistema educacional público francês⁴. Essa formação pedagógica teria grande influência em sua atuação como codificador e promotor da doutrina espírita. Em 1854, Rivail manteve os primeiros contatos com os fenômenos das “mesas girantes”, que alcançaram grande expressividade na França, especialmente em meios burgueses, nos salões e cafés. A partir de 1855, ele passa a frequentar as sessões e, no ano seguinte, recebe um conjunto de cinquenta cadernos com comunicações espirituais para organizá-los. (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009; ARAÚJO, 2014; MATTOS, 2014; SCHERER, 2015).

Ele organizou o material na forma de perguntas e respostas, resultando em um livro, dividido em quatro partes e vinte e nove capítulos, com um total de mil e dezenove perguntas. Trata-se de *O livro dos espíritos*, lançado em 1857. A partir da publicação desta obra, surgiria o movimento espírita, conduzido por Rivail, que passa a adotar o pseudônimo de Allan Kardec⁵. Ele buscou diferenciar a doutrina nascente dos demais espiritualismos difundidos no Ocidente, e assim expressou no *O Livro dos Espíritos*, em sua introdução, na qual, segundo Gil (2008, p.58), “corporifica a sua identidade própria, marcada pelo pensamento cientificista e progressista da época”:

Para coisas novas, palavras novas são necessárias, assim o requer a clareza da linguagem, para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras espiritual, espiritualista, espiritualismo, possuem uma aceção bem definida; dar-lhes uma nova para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite possuir em si outra coisa além da matéria é espiritualista; mas daí não se conclui que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras ESPIRITUAL, ESPIRITUALISMO, empregamos, para designar essa última crença, as de espírita e de espiritismo cuja forma lembra a origem e o sentido radical, e que por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra espiritualismo sua aceção própria. Diremos, portanto, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas. Como especialidade, O Livro dos Espíritos contém a Doutrina Espírita; como

⁴ Tais como *Curso prático de aritmética* (1824), *Proposta de melhoria da educação pública* (1828), *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848), entre outras (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 39).

⁵ A adoção do pseudônimo Allan Kardec é comumente atribuída a uma manifestação do espírito protetor Zéfiro. Rivail teria vivido, em uma encarnação passada, na Gália na época dos druidas, com este nome. No entanto, essa versão não aparece de forma expressa nos escritos kardequianos, existindo outras, como uma possível origem bretã ou romana. Prevaleceu, entretanto, a primeira versão, apresentada por Henri Sausse, biógrafo de Kardec (SAUSSE, 2013, p. 14; ARAÚJO, 2014, p.35-37).

generalidade, ele se prende à Doutrina Espiritualista da qual apresenta uma das fases. Esta é a razão pela qual ele traz no topo de seu título as palavras: Filosofia Espiritualista (KARDEC, 2011, p. 19)⁶.

A partir da recepção dada à obra e sua difusão pela França, Kardec conduz a formação de uma estrutura organizativa para o movimento, através da criação de um veículo de comunicação entre as pessoas que aderiam ao movimento, a *Revista espírita*, em janeiro de 1858. Em abril do mesmo ano, surgiu a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, um espaço no qual eram promovidas reuniões semanais, sendo a precursora dos centros espíritas. (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009). A Revista passa a ser um órgão vinculado à Sociedade, e cumpre um papel importante para a coesão do movimento nascente, na medida em que possibilita a troca de informações e o debate acerca da doutrina, pois nela eram publicados artigos e cartas de vários lugares da França e do mundo.

Nos anos seguintes, Kardec escreveu outros livros que também são considerados como fundamentais para a doutrina: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).⁷ A obra literária de Kardec continua a ser, mesmo com todas as transformações e incorporações do movimento espírita ao longo do tempo, a base da doutrina espírita.

Kardec lançou os moldes do movimento espírita e se dedicou à sua expansão, seja através de viagens pela França (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009), seja através da imprensa e da difusão editorial, estabelecendo contato com diversos grupos espíritas que surgiam em vários países. Ainda nesse período, verificou-se a articulação e manifestação pública do principal opositor do espiritismo, a Igreja Católica. Nesse sentido, tornou-se emblemático o “Auto de fé de Barcelona”, determinado pelo bispo desta cidade espanhola, Antoni Palau i Termens, ocorrido em 09 de outubro de 1861. Esta autoridade eclesiástica determinou o confisco e a incineração de um conjunto de volumes de diferentes títulos, que haviam sido enviados por Kardec a um livreiro francês estabelecido na cidade⁸.

⁶ Grifos do autor.

⁷ Kardec escreveu, também, *O que é o Espiritismo?* (1859), livro introdutório ao espiritismo. Foi editado também, posteriormente à sua morte, *Obras Póstumas* (1890).

⁸ Este acontecimento foi relatado pela Revista Espírita, em sua edição de novembro de 1861. No relato, são citados os títulos que foram queimados em praça pública, assim como as pessoas que teriam participado do auto-de-fé. Foram publicadas, também, duas mensagens atribuídas aos espíritos de Dollet, que afirmou ser um livreiro do século XVI, e de São Domingos. In: RESQUÍCIOS

Conforme distintos autores que se dedicam aos estudos sobre o espiritismo nas diferentes disciplinas das ciências sociais e humanas (DAMAZIO, 1994; GIUMBELLI, 1997; ARRIBAS, 2008; AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009; ARRIBAS, 2014), a doutrina espírita estaria assentada em três bases fundamentais: a científica, a filosófica e a religiosa⁹. O “problema dos espíritos” e suas implicações morais seriam o objeto de estudo a partir dessa perspectiva científica (ARRIBAS, 2008). Como observa Scherer (2013), o espiritismo busca situar-se como uma “possibilidade de reconciliação” entre ciência e religião, pois pretendia promover uma articulação entre ambas, visando elaborar uma explicação racional para os fenômenos espirituais, com efeitos morais. Scherer (2015) afirma, ainda, que “a doutrina de Allan Kardec incorporava o espírito de seu tempo, tanto pela adesão ao pensamento cientificista quanto pela assimilação das ideias de evolucionismo e progresso” (SCHERER, 2015, p.34).

Isso posto, é necessário compreender os princípios doutrinários básicos do espiritismo. Em primeiro lugar, assenta-se a crença na existência de Deus, o que indica o não rompimento com valores cristãos, considerando também o caráter universalista da doutrina kardecista. Na sequência, situa-se a crença na imortalidade da alma e sua evolução universal e infinita, a reencarnação enquanto etapa desse progresso espiritual contínuo, a possibilidade de comunicação com os espíritos e a existência de uma pluralidade de mundos habitados (ARRIBAS, 2008; KARDEC, 2011; AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009; SCHERER, 2015).

Aubrée e Laplantine (2009) utilizam os termos “mesa”, “livro” e “espíritos” para dar título a seu livro a respeito da construção histórica do espiritismo. Estes três elementos são, de fato, sumamente emblemáticos e basilares para a doutrina. A referência à “mesa” diz respeito às “mesas girantes”, remetendo às diferentes doutrinas espiritualistas surgidas a partir de meados do século XIX. Os espíritos dizem respeito, obviamente, à centralidade das questões relacionadas ao mundo espiritual para o espiritismo. A alusão ao livro diz respeito à proeminência dos

DA IDADE MÉDIA: Auto-de-fé das obras espíritas em Barcelona. Revista Espírita. Paris: Ano IV. n.11, nov.1861. Disponível em: < http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revista_espirita/Revista1861.pdf>. Acesso em 20 dez. 2016.

⁹ Afirmar que a concepção de espiritismo desenvolvida por Allan Kardec está baseada no tríptico aspecto (ciência – filosofia – religião) não implica dizer que ele as considerou sempre da mesma forma, observando-se variações de abordagem no período de doze anos de conformação da doutrina, com maior ou menor ênfase para cada um dos aspectos (ARAÚJO, 2014, p.28).

estudos doutrinários na configuração da doutrina espírita, e a importância que a palavra escrita e a produção editorial assumem para a sua difusão.

O espiritismo não possui um clero institucionalizado¹⁰, especialmente se comparado com outras religiões. No entanto, dentro dos centros espíritas e, de forma mais ampla, na divulgação pública dos valores e debates espíritas, existem diferenciações entre os praticantes. A autoridade espírita pode ser entendida, para Arribas (2014), a partir de três categorias. A primeira é a autoridade institucional, determinada pelo exercício de cargo ou função institucional. A segunda é a autoridade carismática, entendida enquanto capacidade, dom ou graça extraordinária, que, no caso do espiritismo, está vinculada à manifestação da mediunidade, considerando a grande importância que esta possui para os espíritas¹¹. A terceira é a autoridade intelectual, vinculada à reflexão e debate sobre a doutrina. Em relação a esta última, Arribas (2014) identifica as figuras do *orador* ou *palestrante* e do *intelectual espírita*, cujo papel e funções ultrapassa o âmbito das reuniões e dos centros espíritas. Este não possui necessariamente um compromisso ou vinculação com a religião em termos institucionais, legitimando-se em função de um tipo de saber doutrinário sobre o qual desenvolve uma leitura, ortodoxa (como um “doutor”) ou heterodoxa (como um “inovador”). A sua legitimidade reside muito mais na mensagem que professa, seja esta mais inovadora ou mais próxima da codificação kardequiana, do que no tipo de respaldo que possa vir a receber do movimento institucionalizado (ARRIBAS, 2014, p.216-219).

Durante as décadas de 1850 e 1860, as obras espíritas e o movimento nascente chegaram a diferentes partes do mundo. Em 1869, Allan Kardec faleceu e, como aponta Scherer (2015):

(...) quando da morte de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, a institucionalização do espiritismo francês já se encontraria delineada com a definição dos elementos teóricos e práticos, bem como dos mecanismos de difusão, articulação e orientação para o movimento espírita. De fato, enquanto a autoridade de Kardec e da Codificação se afiguravam como o cerne dessa organização, a Revista Espírita demarcava o recurso à imprensa como instrumento eficiente de propaganda, articulação e defesa

¹⁰ Arribas (2014) ressalta a inexistência de um clero ou um corpo de especialistas institucionalizado ou formalizado no espiritismo, mas destaca a utilidade do uso dessa terminologia e dos conceitos a ela relacionados para a compreensão sobre a atuação dos distintos agentes no seio do movimento espírita, considerando a diferenciação entre os tipos de autoridade que a autora identifica.

¹¹ Segundo a doutrina espírita, todos os seres humanos possuem a capacidade de comunicação mediúmica. No entanto, como aponta Arribas (2014), a manifestação explícita dessa capacidade possui tratamento diferenciado dentro do movimento e confere maior visibilidade e reconhecimento.

para o espiritismo, atuando a SPEE como instância de representação, orientação e modelo de ação (SCHERER, 2015, p.35).

A doutrina espírita chegou ao Brasil ainda durante a vida de Allan Kardec. Neste país, adquiriu características peculiares, especialmente se comparado com a matriz francesa, dando origem a um “espiritismo à brasileira”, no qual predomina a dimensão religiosa (STOLL, 2003; ARRIBAS, 2008). Trata-se de “uma versão original e não um produto menor, adulterado ou desviante” (STOLL, 2002, p.367). Essa reconfiguração do espiritismo responde a múltiplos fatores, como as discussões internas, as características do campo religioso brasileiro, as oposições e resistências impostas por parte da igreja católica ou da legislação, entre outros.

As primeiras notícias relacionadas ao espiritualismo no Brasil ocorreram em 1853 e 1854, sobre os fenômenos das “mesas girantes”¹². Quanto ao espiritismo, sua introdução pode ser relacionada à colônia francesa existente no Rio de Janeiro. A primeira obra espírita produzida no Brasil foi o livro *Os tempos são chegados* (1860), de Casimir Lietaud, diretor do Colégio Francês (ARRIBAS, 2008). Nos anos seguintes, as ideias espíritas ganharam projeção nacional, e penetraram especialmente dentre as camadas urbanas mais letradas, formadas especialmente por profissionais liberais e militares. Em Salvador, Bahia, foram criados a primeira sociedade espírita do Brasil, o Grupo Familiar do Espiritismo (1865), e o primeiro jornal espírita, *O echo d'além túmulo* (1869), ambas fundadas pelo jornalista Luís Olímpio Teles de Menezes que, no folheto intitulado *O espiritismo – introdução ao estudo da doutrina espírita* (1865), expressava seu júbilo “de ter sido o primeiro na Bahia que, fervorosamente, esposou a doutrina espírita” (ARRIBAS, 2008, p.46). A atuação de Teles de Menezes e do grupo que aderira à doutrina espírita chamou a atenção dos meios espíritas na França, merecendo menção na *Revista Espírita* em 1869. No entanto, a reação mais destacável corresponde à igreja católica, através de uma pastoral de D. Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo de Salvador (ARRIBAS, 2008, p.49-50).

Essa pastoral trouxe a discussão sobre o espiritismo para o campo religioso, pois, até o momento, este “ainda não tinha se definido essencialmente como religião no Brasil até aquele momento, muito embora contivesse em si a possibilidade de vir a sê-lo, já que uma de suas definições é a religiosa” (Ibid., 2008, p.51). Estes

¹² Publicadas no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, no *Diário de Pernambuco*, de Recife, e em *O Cearense*, de Fortaleza.

primeiros espíritas, considerando os princípios doutrinários expressados por Kardec em sua obra, não assumiam o espiritismo naquele momento como uma religião, e, conseqüentemente, não negavam a religião católica (Ibid., 2008, p.51-52). O ponto mais sensível, em termos dogmáticos, gira em torno da reencarnação e da manifestação dos espíritos. A partir de então, a oposição da igreja católica foi intensa, e contribuiu para os caminhos tomados pelo movimento espírita brasileiro.

A partir de 1870, o espiritismo ganha maior força na capital do país, o Rio de Janeiro, cidade que passaria a ser o principal centro de difusão espírita. Em 1873, foi criado o Grupo Confúcio, ou Sociedade dos Estudos Espíritas (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009. p.142). Nesta década e na seguinte, surgiram novas instituições espíritas¹³, com diferentes perspectivas doutrinárias, com maior ou menor ênfase nos aspectos religioso, científico ou filosófico do espiritismo. Um dos motivos geradores de discórdia foi a repercussão da obra *Os quatro evangelhos: Espiritismo cristão ou a Revelação da Revelação* (1866), de Jean-Baptiste Roustaing, um advogado oriundo da cidade de Bordeaux, na qual apresenta a tese de que Jesus Cristo não nascera pela carne, mas sim através de um corpo fluídico, porém tangível, em um parto fictício¹⁴ (ARRIBAS, 2014, p.49). As ideias roustanguistas geraram o debate no movimento¹⁵, sendo abordadas pelo próprio Kardec, primeiramente na *Revista Espírita*, inicialmente recebendo-as sem desmerecê-las por completo, e posteriormente, na revista e, sobretudo, no livro *A gênese*, rebate-as, reafirmando a existência carnal de Jesus (ARRIBAS, 2008, p.167-170).

Em 1883, por iniciativa do fotógrafo Augusto Elias da Silva, foi criado um periódico, *O Reformador*, que se tornaria, nos anos seguintes, no órgão de representação oficial da Federação Espírita Brasileira (FEB), que foi criada também por iniciativa de Silva, em 1884 (Ibid., 2008, p.146). Giumbelli (1997) discorda da visão defendida por vários autores¹⁶, em relação à criação da FEB já com o

¹³ Como a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade (1876), sucessora do Grupo Confúcio, e suas cisões Congregação Anjo Ismael (1878), Grupo Espírita Caridade (1878) e Grupo Espírita Fraternidade (1880) (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009).

¹⁴ Arribas (2014, p.49) acrescenta que a explicação dada por Roustaing, baseada no corpo fluídico de Jesus e no parto fictício, ajuda a reafirmar a ideia da manutenção da virgindade de Maria, preceito que, cabe destacar, é fundamental para o catolicismo.

¹⁵ As ideias de Roustaing tiveram bom acolhimento por parte do grupo religioso e pela FEB, e continuam a influenciar a conformação do movimento espírita no Brasil. No entanto, as suas obras, especialmente *Os quatro evangelhos* são muito pouco conhecidas pelos espíritas na atualidade (SCHERER, 2015, p.47).

¹⁶ Como Damazio (1994) e Aubrée e Laplantine (2009).

propósito de ser o órgão integrador do espiritismo no Brasil¹⁷. Para ele, “*a entidade não se propunha a representar grupos, mas a ser um instrumento de divulgação da doutrina espírita*”¹⁸, congregando esforços de indivíduos que eram convocados a ela se associar” (1997, p.63). No entanto, com o tempo, a federação assumiria um importante papel para a promoção da unidade doutrinária e congregação das entidades espíritas e adeptos que estavam dispersos (SCHERER, 2015, p.38-39). Como destaca Giumbelli (1997)

Como outros “ismos” da época, o espiritismo veio de terras distantes, devendo certamente algo de seu prestígio a sua ascendência europeia. O que é crucial explorar, contudo, não é tanto a sua “origem estrangeira”, e sim o fato dele ter desenvolvido, sem ter propriamente rompido com suas matrizes iniciais, uma conformação específica à sua inserção em um novo quadro de relações. Nesse processo, teve um lugar fundamental a FEB, não porque ela assumisse, desde o seu início, a função de representar os demais grupos, mas justamente porque, não surgindo como tal, *adquire* este papel a partir de determinado momento e consegue um certo reconhecimento para desempenhá-lo (GIUMBELLI, 1997, p.65).

As discussões sobre os aspectos científico e religioso do espiritismo estiveram muito presentes nos grupos que conformavam o movimento espírita no Brasil. É pertinente remarcar a questão do tríplice aspecto do espiritismo ainda é passível de discussão até os dias atuais, nos quais parece ser pacífico situá-lo como uma religião inserida no campo religioso brasileiro. A definição do espiritismo enquanto uma religião no Brasil ou, melhor dizendo, o predomínio do aspecto religioso na forma de organização e difusão da doutrina, ganhou forma a partir da década de 1890. A FEB se constituiu como uma instituição que se dedicava aos estudos doutrinários e ao desenvolvimento da mediunidade, especialmente através da prescrição de receituários mediúnicos¹⁹, com a criação do Serviço de Assistência aos Necessitados, criada durante a presidência de Francisco de Menezes Dias da Cruz (DAMAZIO, 1994; GIUMBELLI, 1997).

Nesse contexto, destaca-se o impacto causado pelo Código Penal de 1890, promulgado pelo governo republicano, visto que os artigos 156, 157 e 158

¹⁷ Anteriormente à FEB, havia sido criada a União Espírita do Brasil (1881), com o propósito de formar agremiações nas diversas províncias e oferecer assinaturas de periódicos estrangeiros. É desativada entre 1884 e 1887 e deixa de existir definitivamente em 1895 (GIUMBELLI, 1997, p.64).

¹⁸ Grifos do autor.

¹⁹ Tratam-se de receituários prescritos pelas entidades espirituais, através de médiuns receitistas, para o tratamento de doenças físicas ou espirituais. Comumente, eram prescritos medicamentos homeopáticos, questão que será abordada mais adiante neste capítulo.

criminalizaram a prática do espiritismo e a prescrição de receitas mediúnicas²⁰. Como reação, o espiritismo passa a se aproximar mais de uma perspectiva religiosa, e a FEB passa a exercer um papel integrador e de condução do movimento espírita. Scherer (2015) observa que os espíritas adotaram uma série de estratégias, as quais “incluiriam a fundamentação científica de suas práticas, a descriminalização da mediunidade, então associada à loucura pela medicina, e, por fim, a reivindicação da liberdade de culto como uma garantia constitucional” (SCHERER, 2015, p.40). Outra estratégia, também, diz respeito à demarcação de espaço e distanciamento em relação a outras práticas mediúnicas, como a Umbanda e o Candomblé, que passam a ser consideradas como “baixo espiritismo”.

Uma das principais figuras associadas à configuração religiosa do espiritismo no Brasil foi o médico e ex-deputado Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), presidente da FEB em duas ocasiões (1889 e 1895-1900). A ele está vinculada a adoção de uma das principais estratégias visando à legitimação social do espiritismo, a ênfase na prática da caridade e a relação entre espiritismo e cura (ARRIBAS, 2008). Sobre isso, é pertinente considerar que:

Enquanto portador da moral cristã de caridade e de ajuda ao próximo, Bezerra de Menezes não poderia agir de outra forma senão buscando angariar no próprio campo religioso o capital necessário para a legitimação de sua obra. Fora dele, já havia acumulado todo o capital cabível em suas possibilidades, fosse na política, fosse na medicina, e desses capitais soube bem utilizar-se para a sua entronização pessoal no campo religioso. Vale a pena frisar (...) que foram esses os capitais que possibilitaram a Bezerra de Menezes conquistar as posições em que passou a se encontrar. (ARRIBAS, 2008, p.134)

²⁰ O Código Penal de 1890 criminaliza as seguintes práticas:

“Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos.

(...) Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

(...) § 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas.

(...) § 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

Art. 158. Ministar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fórma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro.” BRASIL. Decreto nº 870, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=847&tipo_norma=DEC&data=18901011&link=s>. Acesso em: 29 dez. 2013.

Nas primeiras décadas do século XX, as discussões sobre a necessidade de normatização doutrinária e unificação do movimento espírita continuavam. Em 1904, a FEB, sob a presidência de Leopoldo Cirne, aprovou um documento, intitulado *Bases da Organização Espírita*, o qual previa a criação de entidades federativas em nível estadual (ARRIBAS, 2014, p.51). Esse processo levou décadas, sendo que, por exemplo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul – FERGS foi criada em 1921 e a Federação Espírita Catarinense em 1945. A culminação do processo de unificação é assinalada pelo chamado Pacto Áureo (1949), que consolida o papel da FEB como órgão federativo e normatizador do espiritismo brasileiro. Isso não significa, no entanto, o final das divergências internas dentro do movimento espírita, nem permite afirmar que todos os espíritas do Brasil estão submetidos à FEB. Cabe remarcar a existência de diversos grupos e entidades que se consideram como espíritas, ou influenciados pelo espiritismo, sem estarem, no entanto, filiadas à federação nacional ou às federações estaduais, por diversas circunstâncias. Um dos exemplos disto é a prática da apometria²¹, analisada por Lins (2016), que acaba sendo rechaçada pela FEB.

Nesse período surge outra figura que, assim como Bezerra de Menezes, influencia sobremaneira a forma como o espiritismo se desenvolve no país, Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier (1910-2002). Sua atuação esteve marcada, sobretudo, pela psicografia e por sua inserção no mundo editorial²², através da publicação de mais de quatrocentos títulos, atribuídos a diferentes espíritos, sendo que *Emmanuel* e *André Luiz* foram os mais conhecidos²³. Sobre a proeminência dos livros e da leitura para os espíritas, Silva (2007) remarca que

²¹ A apometria é uma técnica de cura espiritual, desenvolvida pelo médico José Lacerda de Azevedo, no Hospital Espírita de Porto Alegre (RS), entre 1964 e 1985, que se caracteriza por “ser um sistema que procurava conciliar os princípios do espiritismo, com elementos pertencentes à umbanda, ao esoterismo e práticas new age, todos embebidos e manifestados através de uma lente científica que procurava trazer aspectos da parapsicologia e de teorias especulativas, como a física quântica” (LINS, 2016, p.12). A instituição de referência da apometria é a Casa do Jardim, localizada em Porto Alegre.

²² Para os espíritas, na psicografia, o médium transcreve para a forma escrita as comunicações recebidas do mundo espiritual. A psicografia (através da fala) ou a pictografia (através da pintura) são outras formas de recepção das comunicações espirituais.

As posições da FEB receberam enorme reforço com a publicação dos livros de Chico Xavier. Livros, aliás, sempre foram importantes para o Espiritismo. Na Europa, ele nasceu através de um livro e no Brasil o esforço da FEB em montar e desenvolver uma grande editora durante as décadas de 30 e 40 pode ser entendido como necessário para colocar em prática uma estratégia de hegemonia dentro do espaço religioso espírita, mas também representa a evidência e que o Espiritismo é uma doutrina do livro (SILVA, 2007, p.66).

Chico Xavier está associado à popularização do espiritismo, especialmente através de sua obra bibliográfica e de sua imagem pública, de um homem simples e austero, que teve uma vida marcada por uma série de privações e que dedicou todos seus esforços à obra espírita. Como aponta Lewgoy (2001)

Chico Xavier é o espírita modelar porque praticamente tudo em sua vida e obra dão testemunho do sistema de valores do espiritismo kardecista, além de realizar, como nenhum outro médium, o ideal de uma “interautoria” ou parceria autoral psicógrafo versus espírito. Essa parceria, em verdade, é a afirmação de uma dependência voluntária dos homens perante a esfera religiosa, cuja máxima expressão é uma espécie de renúncia a uma vida ordinária, exemplificada pela biografia do médium. Trata-se de um personagem cujos percalços biográficos nunca permitiram que construísse ou “optasse” por uma história individual: ele viveu a sua vida, cumprimento de uma missão programada, no eixo cristão do sacrifício/doação ao outro. Chico Xavier é freqüentemente representado como o “homem coração”, o que representa uma renúncia à individualidade material ou à fixação de laços e compromissos numa rede de relações de amizade ou de parentesco (LEWGOY, 2001, p. 55).

Uma das principais contribuições de Chico Xavier para a configuração do espiritismo brasileiro diz respeito ao estabelecimento de uma aproximação com elementos do catolicismo e da religiosidade popular. O *Culto do evangelho no lar*, pautado na oração e na vivência familiar da fé, e a ênfase na figura materna e seu papel moral, espiritual, educacional e mediador são exemplos dessa influência (LEWGOY, 2001).

Na atualidade, como foi abordado neste texto, o espiritismo é majoritariamente compreendido enquanto uma religião no Brasil. Segundo o Censo Demográfico de 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a religião espírita possui 3,8 milhões de adeptos (2% da população). No que diz respeito aos dados correspondentes ao Rio Grande do Sul, mais de 343 mil pessoas se autodeclararam como espíritas, o que corresponde a um percentual de 3,2% da população sul-riograndense. Já em Santa Maria, o total de adeptos é de 15947 pessoas, cerca de 6,1% do total de moradores da cidade. Em números

absolutos, o espiritismo é uma religião minoritária, mas cujos valores encontram considerável difusão na sociedade brasileira, através da literatura, das telenovelas ou do reconhecimento público de figuras como Chico Xavier ou Divaldo Pereira Franco²⁴. É pertinente considerar que, a partir do entendimento que no Brasil o espiritismo se constitui como uma religião e que o mesmo não ocorre em outros países, ele é o maior país espírita do mundo.

1.2 ESPIRITISMO E CARIDADE: DA DOCTRINA À PRÁTICA

No processo de conformação do espiritismo como uma religião no Brasil (ou do predomínio do aspecto religioso), entre o final do século XIX e o início do século XX, a ênfase na prática da caridade é um dos elementos fundamentais. A caridade, cabe destacar, já era um elemento presente na doutrina. Allan Kardec, ao proferir o discurso de abertura da Sessão Anual Comemorativa do Dia dos Mortos, realizada em 1º de novembro de 1868 na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tece algumas considerações sobre o espiritismo e a integração entre os espíritas, indicando a importância conferida à caridade:

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se deve confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos ou, em outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo; ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes, razão por que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade (KARDEC, 1868, p.492).

Na sequência, ele identifica dois tipos de caridade: a caridade beneficente e a caridade benevolente, ou caridade material e moral:

Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada além da vontade poderia estabelecer limites à benevolência (Ibidem, 1868, p.492).

²⁴ Divaldo Pereira Franco (1927-) é uma figura reconhecida no espiritismo brasileiro especialmente pela sua atuação como orador e palestrante, e também pela manutenção da Mansão do Caminho, obra social que mantém em Salvador (BA).

Na perspectiva kardequiana, a caridade de tipo moral é mais importante, pois está relacionada com a progressão espiritual e com o desenvolvimento do conhecimento sobre a doutrina. Ela deve inspirar a prática da caridade em sua dimensão material. Camurça (2001), em artigo no qual aborda a “competição religiosa” entre obras sociais católicas e espíritas em Juiz de Fora/MG, ressalta que ambas compartilham a concepção de caridade cristã e a sua prática através da realização de obras em benefício de outrem. As obras de assistência social promovidas por uma ou outra religião, como abrigos para menores, escolas, oficinas profissionais, entre outras, apresentam semelhanças.

É pertinente considerar que, para os espíritas, a prática da caridade está associada à ideia de salvação, vinculada esta ao progresso espiritual. Nesse sentido,

A salvação, sob a égide do amor próximo, manifestava-se nessas obras de caridade. Assim, um benefício prestado ao próximo, a maior das virtudes, era reflexo do amor a Deus e ao próximo, à fé, à humildade e à indulgência. Desse modo, a salvação espírita pode ser lida sob uma dupla perspectiva: a evolução moral estava intimamente associada à condição material. A caridade, portanto, emergia enquanto forma pelo qual o indivíduo poderia progredir alcançando estágios mais elevados de espiritualidade como “espírito puro” e, assim, mais próximo de Deus (MATTOS, 2014, p. 105).

A ênfase à caridade, cabe reiterar, está relacionada a um processo que levou ao predomínio do aspecto religioso do espiritismo, em um contexto de busca de legitimação social e necessidade de posicionamento em relação à oposição da igreja católica, da medicina oficial e da legislação, através do Código Penal de 1890. Nesse contexto, a FEB assume um papel preponderante, destacando-se a figura de Bezerra de Menezes (GIUMBELLI, 1997; ARRIBAS, 2008; SCHERER, WEBER, 2012).

O Serviço de Assistência aos Necessitados foi criado em 1890, com o objetivo de prestar apoio moral e material às pessoas mais pobres que a ele recorressem. O órgão ganha força com a reorganização estatutária promovida entre 1901 e 1902, durante a presidência de Leopoldo Cirne (GIUMBELLI, 1997; ARRIBAS, 2014). Nas dependências da FEB, funcionavam a Assistência, consultórios de atendimento mediúnico e uma farmácia homeopática. Sobre as atividades e a consolidação deste departamento da federação, Giumbelli (2003) apresenta o seguinte panorama:

Até 1913, a Assistência aos Necessitados tinha como atribuição a arrecadação de recursos para serem distribuídos regularmente entre algumas dezenas de famílias pobres. Depois disso, incorporou à sua estrutura as atividades “mediúnicas” com fins terapêuticos e os serviços odontológicos e ambulatoriais mantidos pela FEB em sua sede. Formada por um grupo de “médiums”, a Assistência aos Necessitados, além disso, passou, na mesma época, a realizar com seus membros os “trabalhos de caridade” ou “curas morais”, que nada mais eram do que as atividades consideradas sob a designação de “trabalhos práticos”. Estabeleceu-se, portanto, um curto-circuito entre os espaços destinados ao desenvolvimento da “mediunidade” e ao exercício da “caridade”, extremamente revelador dos significados atribuídos a cada um desses termos. As invocações e mesmo as “manifestações espontâneas” de “espíritos sofredores” foram resguardadas para um público restrito e inscreveram-se não apenas seus fins, mas também seus protagonistas, sob o signo da “caridade” (p.261).

A caridade, em duas dimensões moral e material, pode ser expressa através da assistência social, da promoção de obras como abrigos para menores, escolas, hospitais ou farmácias. Outrossim, pode ser entendida também através de um viés espiritual, através do estudo doutrinário ou do atendimento fraterno, ou através da ênfase à caridade moral (ARRIBAS, 2008; SCHERER, 2015). Nesse sentido, a caridade espírita

emerge como um meio de elevação moral para os indivíduos que a praticam, proporcionando também os meios para o avanço daqueles que dela se beneficiam. Entendimento que adquire um tom salvacionista, na medida em que é através dela que o indivíduo poderá progredir alcançando estágios mais elevados de espiritualidade como “espírito puro” e, assim, mais próximo de Deus (SCHERER, 2015, p.44).

As obras assistenciais espíritas fazem parte do processo de legitimação social do espiritismo, em um contexto de embates com a religião predominante, o catolicismo. Insere-se, como argumenta Arribas (2014), em um contexto de formação e pluralização do campo religioso brasileiro, com o advento da República e a mudança de status da igreja católica, até então religião oficial do Estado. Os embates entre espíritas e católicos, inaugurados no Brasil ainda durante os primeiros passos de inserção da doutrina kardecista, foram intensos durante boa parte do século XX, exemplificada, por exemplo, pela atuação e pelas obras do Frei Boaventura Kloppenburg e pela Campanha Nacional contra a Heresia Espírita, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1953 (CAMURÇA, 2001; SCHERER, 2016). A questão da assistência social e da caridade se insere, nesse sentido, em um contexto de competição religiosa, no qual os espíritas passam a atuar em um terreno até então exclusivo do catolicismo (CAMURÇA, 2001). Do

ponto de vista da percepção social, a receptividade dada às obras assistenciais espíritas e católicas é semelhante²⁵.

Como esta dissertação versa sobre elementos biográficos da família Silva e Souza, cuja trajetória é especialmente marcada pela atuação em instituições voltadas para a atenção a crianças e jovens, é pertinente apresentar alguns elementos relacionados à questão da atenção ao menor no Brasil, que é marcada pelo debate entre punição e assistência²⁶. O conceito de “criança” como um ser vulnerável e digno de amparo e proteção é muito recente, e, durante muito tempo, as crianças e jovens pobres, especialmente aqueles em condição de abandono, eram tratados como um potencial risco para a sociedade. Nesse sentido,

Por um lado, a criança simbolizava a esperança, o futuro da nação. Devidamente educada, ela se tornaria útil à sociedade. Por outro lado, a criança representava uma ameaça nunca antes descrita com tanta clareza. Descubrem-se na alma infantil elementos de crueldade e perversão. Ela passa a ser representada como delinquente e deve ser afastada do caminho que conduz à criminalidade, das “escolas do crime”, dos “ambientes viciosos”, sobretudo as ruas e as casas de detenção. Esta visão ambivalente em relação à criança – em perigo versus perigosa – torna-se dominante no contexto das sociedades modernas, crescentemente urbanizadas e industrializadas (SILVA, 2010, p.51).

Os debates sobre a questão do tratamento a ser dispensado aos menores em condição de vulnerabilidade se estabeleceram no final do século XIX e se fortaleceram no início do século XX. O Estado passa a abordar de forma mais intensa essa questão, especialmente no que diz respeito à legislação. Em 1923, é publicado um decreto que estabelece um regulamento sobre a proteção e assistência aos menores abandonados e delinquentes²⁷, e, em 1927, é criado o primeiro Código de Menores²⁸. A utilização do termo “menor” não tem a mesma abrangência atual, pois diz respeito apenas àquelas crianças e jovens abandonados

²⁵ Giumbelli (1997, p.246) apresentou uma obra intitulada Serviços de Assistência do Rio de Janeiro, documento também referenciado por Camurça (2001), escrita pelo chefe da Diretoria Geral de Assistência e Higiene Pública, entre 1903 e 1904, na qual afirma que as obras espíritas e católicas “igualam-se na sua faina humanitária”.

²⁶ Essa temática foi explorada pelo autor, em seu Trabalho de Conclusão de Graduação no curso de Bacharelado e Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Santa Maria, em 2014. GIRARDI (2014).

²⁷ BRASIL. **Decreto n. 16.272, de 20 de dezembro de 1923**. Approva o regulamento da assistência e proteção aos menores abandonados e delinquentes. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=16272&tipo_norma=DEC&data=19231220&link=s>. Acesso em 05 dez. 2016.

²⁸ BRASIL. **Decreto n. 17.943, de 12 de outubro de 1927**. Consolida as leis de assistência e proteção a menores. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm>. Acesso em 05 dez. 2016.

pelos pais ou cuja guarda foi retirada, ou em condição de “vadiagem”, “mendicidade” ou “libertinagem” (GIRARDI, 2014, p.30). Através desse código,

O poder público passava a ter o poder de intervenção direta na vida de crianças e adolescentes. Previa os casos em que o Estado deveria agir para garantir a vida e a saúde dos menores e os instrumentos para evitar que eles se tornassem infratores. A questão da delinquência era considerada como fundamental, e parecia ser inevitável que, sem nenhum tipo de amparo, esse seria o caminho destinado para crianças e adolescentes (2014, p.31).

Nas décadas seguintes, o Estado passa a atuar de forma mais ativa nessa questão, especialmente a partir do governo Vargas e do período do Estado Novo, criando órgãos como o Conselho Nacional de Serviço Social (1938), o Departamento Nacional da Criança (1940), o Serviço de Assistência a Menores - SAM (1941) e a Legião Brasileira de Assistência – LBA (1942). Os Juizados de Menores, que passariam a ocupar um lugar central na regulação e controle da situação dos menores, foram estabelecidos pelo Código de 1927 (GIRARDI, 2014). As obras de ação social mantidas por entidades confessionais, como as católicas e espíritas, se inserem no aparato de proteção e amparo a crianças e jovens, assim como as públicas. Na documentação do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho e da SEFEC, por exemplo, aparecem menções a alguns desses órgãos, em relação a petições ou intervenções da justiça.

Florina da Silva e Souza, na tese que defendeu durante o I Congresso Espírita do Rio Grande do Sul (1945), definiu a assistência social prestada no Abrigo e na SEFEC da seguinte forma:

Instrução e Trabalho – é o produto da inspiração de um espírito superior que aconselhou sua organização si para tanto, estivessem dispostas as obreiras do mesmo a cimentarem seus alicerces com lagrimas e sacrificios. Posto em prática a imspiração, no decorrer de 14 anos não faltaram as lagrimas os obstaculos as injurias as dores morais de toda a sorte compensados entretanto pela assistencia espiritual que nunca faltou e que sempre se refletiu na assistência material para que fosse levada a bom termo a pequenina obra Abrigo Instrução e Trabalho.²⁹

Na sequência deste texto, será abordado um elemento que também está relacionado à abrangente concepção de caridade espírita, a questão da saúde e das

²⁹ Texto “A Assistência Social”, 25 de agosto de 1945, p. 1. Acervo da Aliança Espírita Santa-Mariense. Na sequência desta dissertação, a elaboração dessa tese será abordada.

doenças no espiritismo. A relação com a homeopatia, muito importante na trajetória da família Silva e Souza, também é um dos elementos presentes.

1.3 ESPIRITISMO, HOMEOPATIA E CONCEPÇÕES DE SAÚDE E DOENÇA

A interpretação espírita sobre a origem das doenças que atingem o corpo encarnado está pautada por questões espirituais. Como identifica Camurça (2016):

Segundo a Doutrina Espírita, grosso modo, podemos situar as causas das doenças em dois eixos: 1) A doença ligada ao processo de desenvolvimento espiritual do indivíduo, expressando-se como resultado de situações vividas em "existências ou encarnações anteriores"; 2) A doença como produto de interferência de espíritos inferiores que dominam corpos e mentes de indivíduos vulneráveis a esta influência. Dá-se a este fenômeno, o nome de obsessão. (CAMURÇA, 2016, p.231).

Como destaca o autor, essa primeira causa estaria pautada por um caminho de progresso e evolução espiritual, pautada pela conjunção entre o livre-arbítrio do espírito e pela lógica de causa e efeito, conhecida popularmente como carma³⁰ (CAMURÇA, 2016). Nesse sentido,

O locus onde se dá a causalidade dos erros-acertos se encontra situado no mundo da matéria onde o Espírito se encarna. Na nova vida material o indivíduo sofre as consequências dos atos que praticou em vidas anteriores – fruto de anterior (livre) escolha entre o bem e mal – e neste novo momento de experimentação, há de novo, pelo seu livre-arbítrio, a possibilidade de reparação ou de reincidência. A vida material é espaço de determinismo imposto pela Lei Divina – não se pode fugir à expiação e suas possibilidades de aprendizado e reabilitação – mas também de indeterminação, pois está na livre-escolha do Espírito encarnado aproveitar ou não esta nova chance encarnatória com fins ao seu progresso espiritual (CAMURÇA, 2016, p.232).

A obsessão, por sua vez, se dá quando um espírito obsessor *toma posse* de um espírito encarnado obsidiado, exercendo influência em seus atos e ações. O processo de cura, nestes casos, é dirigido por espíritos superiores do Plano Espiritual, em sessões de desobsessão, nas quais os médiuns seriam instrumentos para a doutrinação espiritual (CAMURÇA, 2016). Cabe explicitar que a obsessão

(...) se configura como um aviltamento da Lei de Evolução e Progresso Espiritual, pois um Espírito se apossa de um corpo visando não à expiação,

³⁰ Kardec, nas obras doutrinárias, usa os termos "causa-efeito" e "ação-reação".

reabilitação e evolução, mas simples apego à matéria, verdadeira tentativa de usurpação do ato encarnatório/incorporatório com fins de perpetuar na terra todos os desajustes que o levaram ao seu grau de inferioridade espiritual. Do lado do Espírito encarnado, sua condição de obsidiado, o impede de cumprir livremente (não possui livre-arbítrio) a "programação cármica" traçada pelo Plano Espiritual (CAMURÇA, 2016, p.234).

O tratamento dado às doenças deve, segundo a doutrina espírita, privilegiar a dimensão moral à material. A terapia espiritual, através do estudo doutrinário, da prece, da meditação, do uso de água fluidificada, entre outras, deve preceder e pautar a recuperação do indivíduo, isto é, a cura moral antecede a cura física. No caso da obsessão, os espíritos obsessores devem ser reorientados pelos *espíritos superiores*, em sessões de desobsessão, nas quais os médiuns cumprem um papel de intermediação.

No entanto, fica clara a existência de uma dualidade entre a doença como expiação necessária de um carma e como objeto de um tratamento objetivo visando à cura (CAMURÇA, 2016, p.232-233). A popularização de práticas como as chamadas cirurgias espirituais ou a prescrição de receituário mediúnico não é isenta de críticas, especialmente considerando uma perspectiva mais próxima dos preceitos da FEB, como as críticas realizadas por Chico Xavier ou Divaldo Pereira Franco (CAMURÇA, 2016). Essa dualidade é explicada por Camurça (2016) da seguinte forma:

Se por um lado, é certo que o viés filosófico-espiritual tende a minimizar o papel da cura na ontologia/cosmologia do Espiritismo (dimensão cármica); por outro lado, seu viés científico-espiritual de busca crescente de um desvendamento de domínios *fluídicos, energéticos e vibratórios do Plano Espiritual*, determina uma intervenção objetiva e sistemática para o conhecimento destes planos, como outra forma de inserção no processo de evolução e progresso espiritual (CAMURÇA, 2016, p.244).³¹

Para Camurça (2016), a proeminência da terapia e da cura no espiritismo brasileiro está vinculada à percepção do papel da caridade para com o próximo e, também, à “fascinação” pelo imaginário médico-científico, entendidas ambas dentro do que seria a tríade ciência-filosofia-religião. Ou seja, não está condicionada apenas a uma perspectiva mais religiosa.

Na história do espiritismo no Brasil, a prática da caridade através da oferta de atendimento mediúnico e tratamentos espirituais adquiriu grande importância,

³¹ Grifos do original.

especialmente a partir do Serviço de Assistência aos Necessitados da FEB. A homeopatia, nesse sentido, é comumente associada ao espiritismo, mas é imprescindível considerar a sua trajetória autônoma e suas características.

A homeopatia foi concebida pelo médico germânico Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que desenvolveu sua teoria, motivado pela contestação aos postulados da medicina de seu tempo, invasivos e violentos para com o paciente. Seu estudo resulta na composição de um corpo doutrinário baseado no princípio de cura dos “semelhantes pelos semelhantes” (do latim *similia similibus curantur*), incorporando noções metafísicas como a de fluído universal e energia vital. Segundo a homeopatia,

(...) o medicamento é capaz de curar porque produz uma doença *artificial* no organismo já atacado por uma doença natural. Mobilizando-se para reagir contra a nova doença, o organismo vence a primeira, natural, e a artificial (induzida pelo remédio), porque esta é provocada em escala minimal, possibilitando o reequilíbrio do organismo. (...)essa mobilização impede que duas doenças ocupem o mesmo organismo com seu dinamismo patológico (LUZ, 1996, p.48-49).³²

A terapêutica em homeopatia depende necessariamente da administração das drogas em pessoas saudáveis, para posteriormente serem utilizadas nos organismos doentes. Isso se explica pela ideia de que o semelhante cura o semelhante, ou seja, parte da experiência no homem saudável para o homem enfermo (LUZ, 1996). Nos anos seguintes, Hahnemann desenvolveu novas pesquisas e modificou alguns pontos de sua formulação, resultando na publicação do *Organon da Ciência Médica Racional*³³. Nesta obra, ele apresenta os princípios fundamentais da homeopatia, bem como uma série de procedimentos a serem adotados pelo médico. Como observa Weber (2013).

Sua doutrina procurava restabelecer o estado de equilíbrio entre a força vital e o organismo, com a ingestão de uma substância em doses infinitesimais, visando a curar o paciente como um todo e não apenas o vetor da doença. Defendia a ideia da existência de um princípio vital, não comprovável empiricamente por ser imaterial, mas que seria a causa explicativa da atividade que anima todo o organismo (WEBER, 2013, p.29-30).

³² Grifo do original.

³³ Publicado em 1810, a partir de sua segunda edição em 1819, passou a ser conhecido como *Organon da Arte de curar* ou *Exposição da doutrina médica homeopática*.

O medicamento homeopático não é elaborado para agir diretamente no organismo. Ele sofre um processo de desmaterialização, através dos sucessivos processos de diluição e sucussão (procedimento de agitação constante que permite o processo de dinamização), dando origem a uma substância fluídica, que irá atuar no campo energético vital, reequilibrando-o e reestabelecendo seu bom funcionamento (DAMAZIO, 1994, p.85). Alguns homeopatas defendiam a utilização de outras técnicas associadas ao tratamento homeopático, inclusive oriundas da medicina tradicional, tese que Hahnemann refutava, pois desejava constituir uma homeopatia “pura”.

Ao longo da história, a principal oposição sofrida pelos homeopatas vem da medicina tradicional. Sobre a compreensão a respeito do conceito de homeopatia e seu posicionamento dentro do campo da medicina e da atenção à saúde, Luz (1996), observa que:

(...) mais que como simples terapêutica alternativa ou especialidade médica, pode ser vista como um sistema médico complexo, incluindo doutrina, semiologia, diagnose e terapêutica, alternativo e concorrente à medicina oficial, isto é, como uma racionalidade médica específica, embora compartilhando a fisiologia e a anatomia da medicina moderna (LUZ, 1996, p.22).

Segundo Damazio (1994), a medicina homeopática teria chegado ao Brasil na segunda década do século XVIII, mas não há registros, o que provoca um “salto” até a década de 1840, com a vinda do francês Benoit Mure e do português João Vicente Martins, fundadores, em 1842, do Instituto Homeopático Brasileiro. No Rio Grande do Sul, a introdução da homeopatia está ligada a diversos personagens que aprenderam a adotar essa prática e a desenvolviam quando em viagem pela região (WEBER, 2012). Nas décadas seguintes, os homeopatas adotaram uma série de medidas visando à afirmação e legitimação da prática, como a fundação de clínicas, hospitais e dispensários ou a criação de cursos para a formação de interessados em praticar a homeopatia. Promoveram esforços para a divulgação da prática homeopática e para a construção de estratégias em comum entre os homeopatas, como a criação de associações e órgãos federativos, visando consolidar a homeopatia como uma alternativa à alopatia³⁴. É necessário considerar que as

³⁴ É possível encontrar na bibliografia e nas fontes o uso dos termos “medicina tradicional” ou “alopática”. É mais comum encontrar o termo “alopatia” em trabalhos sobre a homeopatia, ou sendo utilizados pelos homeopatas. Neste trabalho, utilizaremos os dois.

atividades de cura desenvolvidas no Brasil ao longo de sua história são marcadas pela diversidade de tradições adotadas, o que se associava a precariedade dos serviços de saúde e assistência social oferecidos pelo Estado, durante muito tempo restrito às Santas Casas de Caridade, vinculadas à Igreja Católica. Tanto os espíritas como os homeopatas se inserem atuam num universo cultural que facilitou a absorção de suas práticas.

Madel Luz (1996) realiza um amplo estudo sobre a história da homeopatia no Brasil, e estabelece cinco períodos históricos distintos, determinados pelas estratégias (e contra-estratégias) adotadas pelos atores vinculados ao processo de legitimação da prática homeopática no país. Esses períodos são: *implantação* (1840-1859), *expansão e resistência* (1860-1882), *resistência* (1882-1900), *áureo* (1900-1930), *declínio acadêmico da homeopatia* (1930-1970) e *a retomada social* (1970-1990). De acordo com essa periodização, a Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, criada pela família Silva e Souza, surgiu durante o período áureo, ou seja, aquele considerado como de máxima expansão da homeopatia no país, mas continuou a atuar nas décadas seguintes.

Arribas (2008), ao abordar a configuração do caráter religioso do espiritismo, repassa a trajetória pessoal de diferentes personalidades relacionadas com a formação do movimento espírita brasileiro e suas vicissitudes. É patente a vinculação com a prática da medicina homeopática. Alguns dos nomes mais expressivos para a doutrina espírita no Brasil no final do século XIX e início do XX, como Bezerra de Menezes, aderiram ao uso da homeopatia.

A mesma autora faz referência a três pontos de vista que se aproximam entre homeopatia e espiritismo, a saber: a equivalência entre o “organismo imaterial” considerado pela primeira e o perísprito, corpo fluídico que reveste o espírito, para a segunda; a concepção homeopática de mente como causadora última de todas as enfermidades, o que no espiritismo é contemplado pela noção de espírito; e, por fim, a noção homeopática de energia, que pode ser comparada com a de fluído, para os espíritas, estreitamente relacionada com o conceito de magnetismo. De certa forma, os efeitos desejados através da ação dos medicamentos homeopáticos e das práticas espíritas, como os passes e os receituários mediúnicos, são semelhantes. Segundo Arribas (2013), para os espíritas, a homeopatia

(...)agiria dentro dos princípios de ação e reação, estimulando o organismo a reagir contra o seu próprio mal. Os adeptos espíritas da homeopatia consideravam o medicamento homeopático como uma forma de energia, uma espécie de fluido, tal o grau de diluição em que se encontrava (ARRIBAS, 2013, p.12).

Ainda no tocante a essas proximidades, Weber (2013) aborda a questão da força vital, princípio intermediário entre o corpo físico (princípio material) e o espírito (princípio espiritual). A origem das moléstias que atingem o ser humano está relacionada com a perda da harmonia entre corpo e espírito. As doenças (sejam estas físicas, emocionais ou mentais) afetam a interação entre as partes da tríade que compõe todo ser humano encarnado: corpo-perispírito-espírito, e, por conseguinte, o processo de reencarnação e evolução espiritual.

Precisando o nosso olhar sobre toda essa construção teórica espírita, principalmente no que se refere às peculiaridades do caso brasileiro – que tende a enfatizar suas preocupações na questão da cura, daí sua forte ligação com a homeopatia –, podemos ao mesmo tempo observar e compreender um ponto crucial da concepção espírita e que em muito influenciou as ações práticas de seus adeptos: *a assistência espiritual confundia-se com assistência material*, já que para o Espiritismo corpo e espírito, intermediados pelo perispírito, comporiam uma só unidade e *tão-somente enquanto tal* deveria ser tratada (ARRIBAS, 2013, p.12).³⁵

Outro ponto de aproximação entre homeopatia e espiritismo está nos campos político e jurídico, observando-se uma forte oposição a essas práticas, atestada pelo rigoroso trato dispensado pelo primeiro Código Penal da República, de 1890. Na lei, as duas práticas são penalizadas como “crimes contra a saúde pública”, com a imposição de multas pecuniárias e encarceramento. Essas restrições respondem a demandas de diferentes grupos, como a Igreja Católica e a medicina tradicional, visando defender a sua hegemonia nos seus respectivos campos.

Este capítulo abordou a história do espiritismo, a partir de sua origem francesa e a configuração que assume no Brasil, a ênfase dada à prática da caridade, em sua dimensão moral e, especialmente material, e a associação estabelecida com a homeopatia. Esses elementos são fundamentais para compreender a trajetória da família Silva e Souza e sua inserção no movimento espírita em Santa Maria (RS), como será abordado nas páginas que se seguem.

³⁵ Grifos do original.

2 ESPIRITISMO, CARIDADE E SAÚDE: A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA

A família Silva e Souza foi formada pela união de João da Fontoura e Souza e de Florina Pereira da Silva, casados no natal do ano de 1920. O casal teve quatorze filhos, resultando em um expressivo número de descendentes, entre filhos, netos e bisnetos. Ao longo deste tempo, os distintos familiares desempenharam diversas atividades profissionais, criaram várias empresas e se inseriram em diferentes espaços de interação social, especialmente na cidade de Santa Maria (RS) e em seu antigo distrito, atual município, de Itaara (RS). No entanto, o reconhecimento público da família está relacionado a dois elementos principais: o espiritismo e a saúde.

Em primeiro lugar, este capítulo abordará as características da escrita biográfica, especialmente a partir da perspectiva histórica. Na sequência, tratará sobre a questão das fontes históricas, com especial ênfase para os arquivos de caráter privado, que são muito importantes na escrita deste trabalho. Por fim, apresentará um relato biográfico sobre a trajetória da família Silva e Souza, considerando especialmente a sua inserção no movimento espírita santa-mariense.

2.1 A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA

A inserção das biografias enquanto gênero e forma de abordagem na história, embora crescente, ainda suscita alguns questionamentos, especialmente em relação aos seus objetivos e à forma como entende o indivíduo em relação à sua própria vida e ao meio em que está inserido. A relação da biografia com a história é pautada por aproximações e afastamentos, associada muitas vezes à construção de heróis ou a criação de exemplos de conduta e, portanto, a uma perspectiva histórica mais tradicional. Ou, ainda, um gênero mais literário do que histórico.

A biografia se insere em um contexto historiográfico marcado por muitas “voltas” e, certamente, a “volta” das biografias está muito associada à “volta da narrativa”, dado o caráter essencialmente narrativo de um texto biográfico. Nesse sentido, no que diz respeito à relação do biógrafo com seu objeto de pesquisa, a

(...) sensação de poder controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência

individual, o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas. Talvez, então, ele se dê conta da dimensão ficcional de toda biografia. O campo da escrita biográfica é certamente um palco privilegiado de experimentação para o historiador, que pode avaliar o caráter ambivalente da epistemologia do seu ofício, inevitavelmente tenso entre seu pólo científico e seu pólo ficcional. Desta forma, a biografia provoca um polêmico questionamento à absoluta distinção entre um gênero verdadeiramente literário e uma dimensão puramente científica, suscitando a mescla, o hibridismo, e expressa, assim, tanto as tensões como as convivências existentes entre literatura e Ciências Humanas (AVELAR, 2010, p.161).

É importante assinar que o trabalho do “historiador-biógrafo” consiste em criar um texto a partir de distintas fontes a respeito de seu (ou seus) biografado(s), visando construir uma narrativa que faça sentido e que responda a determinados propósitos. Ele deve conduzir a sua pesquisa com rigor metodológico e analisar criticamente as fontes acessadas. É uma tarefa impossível contar a vida de uma pessoa em sua integralidade, abordando todos os fatos e as percepções e opiniões formuladas ao longo do tempo. O historiador deve, necessariamente, fazer escolhas. Esses pressupostos, cabe remarcar, devem ser observados na generalidade dos trabalhos na área de história. Nesse sentido, é pertinente a reflexão de Schmidt (2014):

para o historiador em geral e para o historiador biógrafo em particular não existem fatos importantes em si, que precisem ser revelados a todo custo; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado, propriamente. Também sua maneira de encarar a verdade é – ou deveria ser – mais sofisticada e tensionada do que aquela própria do senso comum, limitada à factualidade imediatamente apreensível. Esses profissionais sabem, por um lado, que todos os regimes de verdade são históricos, mas, por outro, têm compromissos com seus arquivos e com as metodologias e critérios de cientificidade próprios de seu ofício (que também são históricos) (SCHMIDT, 2014, p.142).

Necessariamente, o pesquisador possui algum nível de conhecimento prévio em relação ao seu objeto de pesquisa. No caso específico deste trabalho, a inserção da família Silva e Souza no movimento espírita sobressai como um elemento fundamental do estudo, e está presente em diversos momentos da trajetória familiar, e também nos relatos produzidos pelos próprios familiares. No entanto, é necessário compreender o que Bourdieu (2002) denomina como ilusão biográfica, isto é, o risco de se pensar uma história de vida enquanto uma unidade, respondendo a uma sequência de acontecimentos inevitáveis que necessariamente levariam o indivíduo

ou o grupo à determinada situação, desconsiderando as mudanças e descontinuidades ao longo do tempo.

Entender a ilusão biográfica é fundamental para a análise de textos de natureza biográfica, bem como para construí-los. Considerar essa questão não significa dizer que as memórias, e estas em seu conjunto, constituam um relato biográfico falso ou enganoso, intencionalmente construído dessa forma. Indica que é necessário considerar a diversidade de fatores que afetam como os indivíduos veem a si e a sua trajetória ao longo do tempo, bem como o legado que deixam, e a forma como este será apropriado pelos demais. Esse tipo de cuidado é válido tanto para a escrita como para a análise de um texto biográfico ou autobiográfico. É pertinente ressaltar que o relato produzido por uma pessoa escrevendo sobre si mesma não pode ser considerado a priori mais ou menos verdadeiro, mais ou menos intencional, mais ou menos linear, especialmente se comparado com uma biografia escrita por um jornalista ou por um historiador sobre este mesmo personagem.

A rigor, não existe, ainda que esta ideia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Nossas vidas não são um projeto sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevoos que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada *a posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (MONTAGNER, 2007, p.251-252).

É pertinente, para a sequência do trabalho, a discussão em torno das fontes. Na construção de biografias, os documentos de natureza pessoal, pertencentes a arquivos privados, ganham especial destaque. A seguir, abordar-se-ão alguns desses elementos.

2.2 A QUESTÃO DAS FONTES: A ESPECIFICIDADE DOS ARQUIVOS PESSOAIS E PRIVADOS

Esta pesquisa foi construída a partir de documentação proveniente, em grande medida, de arquivos pessoais³⁶. É necessário considerar a especificidade deste tipo de arquivo e ressaltar a sua relevância e pertinência para os estudos históricos. Como destaca Artières (1998), quase tudo em nossa vida envolve a escrita, seja em um pedaço de papel ou em outro suporte. Entretanto, conservamos apenas uma ínfima parte de tudo aquilo que escrevemos, realizando triagens constantemente, de múltiplas formas, criando e recriando critérios de seleção e guarda desses vestígios. Os arquivos pessoais podem ser compostos por toda a sorte de documentos, desde a cédula de identidade ou a certidão de nascimento, até um diário, um caderno de desenhos, fotos ou uma agenda. Nesse sentido, cabe destacar que

(...) não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÈRES, 1998, p.12).

Independentemente do nível de organização ou do grau de intencionalidade aplicado na seleção dos documentos, os arquivos evidenciam aspectos biográficos de seus detentores. Mesmo um *curriculum vitae*, documento marcado pela sobriedade e formalidade na escrita, configura-se enquanto um texto escrito de natureza autobiográfica, no qual o autor insere as informações que acredita serem mais relevantes de sua trajetória individual e profissional. É, portanto, parcial. Nessa perspectiva,

o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1998, p.31).

³⁶ Os arquivos pessoais são um tipo de arquivo privado ou particular. Os arquivos de empresas, instituições religiosas, agremiações ou outro tipo de organizações, também são privados. As políticas arquivísticas e a questão da disponibilidade do acesso para a pesquisa depende de cada instituição.

Considerando essas peculiaridades, não é correto tratar a fonte oriunda de um arquivo privado como se fosse necessariamente mais parcial ou subjetiva do que aquelas que são tidas como oficiais, ou que estão disponíveis em instituições arquivísticas públicas. As exigências da crítica documental devem ser igualmente rigorosas (PROCHASSON, 1998). Outrossim, é equivocado pensar que o documento pessoal, produzido sem a intenção de ser tornado público, é necessariamente mais espontâneo, íntimo ou verdadeiro (GOMES, 1998).

Sobre essa questão, é muito pertinente a leitura que Bertonha (2007) faz sobre o arquivo privado do líder integralista Plínio Salgado. Para ele, o conjunto de documentos foi selecionado de forma intencional, no sentido de construir e expressar determinadas visões e direcionar a leitura e interpretação do material. A identificação dessa construção do arquivo não o invalida, em circunstância alguma, para a pesquisa. Nesse sentido, ele observa o potencial e os limites dos arquivos privados:

Potencial, pois eles conservam documentação dificilmente encontrável em outros arquivos e permitem uma reconstrução dos fatos a partir do ponto de vista de protagonistas que os viveram efetivamente. Mas limites, pois, sem o trabalho cuidadoso do historiador (investindo em outros acervos, analisando criteriosamente os documentos, etc) para evitar as armadilhas deixadas pelo titular, ele corre o risco de apenas reproduzir a memória ali preservada. E, nunca é demais recordar, o historiador não deve se limitar a reproduzir a memória, seja de quem for, mas problematizá-la e discuti-la. (BERTONHA, 2007, p. 119).

Nesse sentido, ao dedicar boa parte da análise aos escritos biográficos elaborados pela família Silva e Souza, pretende-se justamente entender as versões que essas pessoas buscaram construir sobre si e as circunstâncias em que estiveram inseridas. São textos escritos pensados para serem lidos por outrem, seja pelos próprios familiares (como expressa Florina em sua autobiografia) ou para conhecimento público.

A dispersão física dos documentos em vários locais, sem a informação prévia de que tipo de documentos cada familiar ou instituição possui, foi uma dificuldade considerável para a execução da pesquisa. Ao longo do ano de 2015 e parte de 2016, foram realizados diversos contatos e visitas a membros da família, com a intermediação de Marcelo Beltrame e Souza, bisneto de João da Fontoura e Souza e Florina da Silva e Souza, e atual administrador da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha. A documentação reunida é muito diversificada, e exigiu o estabelecimento

de critérios para a inclusão ou não nesta pesquisa. Optou-se, em virtude da riqueza do material e das possibilidades de análise que oferece, por dar um grande destaque às biografias e autobiografia escritas pela família, que serão abordadas de forma mais intensiva no capítulo seguinte.

2.3 O ESPIRITISMO EM SANTA MARIA E A INSERÇÃO DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA

Santa Maria, cidade localizada na região central do Rio Grande do Sul, emancipada politicamente em 1858, é costumeiramente associada a três elementos principais: à ferrovia, aos militares e à educação universitária. O primeiro aspecto se deve ao papel exercido pela cidade como entroncamento ferroviário e à constituição de uma série de instituições em torno da ferrovia e dos trabalhadores da *Compaigne Auxillaire de Chemins du Fer au Brésil* e, posteriormente, da *Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS)* (FLÔRES, 2005). A substancial presença militar na cidade, que possui o segundo maior contingente do país, está relacionada a sua posição geográfica, estrategicamente localizada em relação aos países vizinhos do Brasil. O terceiro aspecto diz respeito à considerável presença de instituições de ensino superior na cidade, representada especialmente pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), fundada em 1960, sendo a primeira universidade federal brasileira localizada fora de uma capital de estado (BEBER, 1998).

A religiosidade é outro ponto pertinente a ser abordado. A cidade de Santa Maria oscila entre uma aparente descrença generalizada, expressa pela grande quantidade de grupos anticlericais e acatólicos na cidade, e a afirmação e consolidação da fé católica, em um contexto de interação e disputas com estes outros agentes (BORIN, 2010). Nesse sentido, a inserção de igrejas protestantes, do espiritismo ou da maçonaria não implicam, necessariamente, no enfraquecimento da fé católica na cidade. Borin (2010) identifica que a diocese de Santa Maria, especialmente através de seu *Boletim Mensal*, nos anos 1910, preocupa-se em combater o espiritismo e enfatizar a inadequação de suas práticas em relação ao catolicismo. Por outro lado, a autora identifica em outros jornais³⁷, a divulgação de ideias espíritas.

³⁷ Borin (2010, p.100) faz referência ao *Diário do Interior*, *O Castilista*, revista *Reacção* e o jornal maçônico *O Templário*.

A introdução do espiritismo no Rio Grande do Sul é assinalada pela criação da Sociedade Espírita Rio-Grandense, em 1887, na cidade de Rio Grande. No entanto, como identifica Gil (2008), a circulação das ideias espíritas na cidade de Pelotas teria se realizado, pelo menos, em 1877. Em 1921, dezoito entidades espíritas do estado fundaram a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a partir do I Congresso Espírita do Rio Grande do Sul (SCHERER; WEBER, 2012). A introdução do espiritismo em Santa Maria se deu no final do século XIX, a partir da Sociedade Espírita Paz, Amor e Caridade, fundada em 1903, na localidade de Água Boa, mas a criação das principais casas espíritas se deu entre as décadas de 1910 e 1920. Na atualidade, a cidade conta com cerca de quarenta e duas casas espíritas, filiadas à Aliança Espírita Santa-mariense, à União Municipal Espírita, entidade fundada em 1972 ou a nenhuma entidade federativa (WEBER, SCHERER, 2012, p. 96). Na sequência deste texto, abordaremos instituições e pessoas relacionadas ao movimento espírita santa-mariense, buscando-as relacionar com os elementos biográficos da família Silva e Souza.

2.3.1 João e Florina: União, família e espiritismo

João da Fontoura e Souza nasceu em 25 de março de 1895, na localidade de Travessão, na colônia e atual município de Jaguari (RS), filho de Antônio Pinto de Souza e Maria Magdalena da Fontoura e Souza, e teve quatro irmãos (José, Zeferino, Luiza e Vicente). Seu avô materno, Zeferino Gualberto da Fontoura, teria sido capitão na Guerra do Paraguai. Em 1906, passa a viver na localidade de Passo do Verde, e posteriormente em Pains, ambas em Santa Maria (RS). Conforme a sua “carta-testamento”³⁸, trabalhou desde os oito anos de idade, e aos dezenove, assumiu a direção da casa comercial da família, a qual liquidou sem deixar dívidas, e aos vinte e um anos, constrói um moinho para a manutenção da família. Não foram encontradas maiores informações sobre a supracitada empresa. João teria iniciado os seus estudos ainda na cidade natal, tendo-os interrompido para trabalhar, retomando-os posteriormente. Em 1920, vive por breve período na cidade de

³⁸ Referida carta provavelmente foi escrita na década de 1940, muitos anos antes do falecimento de João da Fontoura e Souza, em 1963.

Cachoeira do Sul. Em 1921, faz um curso de guarda-livros³⁹, que lhe permitiria ingressar no serviço público, como contador (DIAS, s/d, s/p).

Florina da Silva e Souza nasceu em 16 de junho de 1902, em Santa Maria (RS), filha de Alfredo Luiz da Silva e Universina Pereira da Silva. Teve treze irmãos (Jovelina, Alfridia, João, Geny, Idelayres, Dolores, Olinda, Odette e Moysés; Cantalice, Sólon, Bezerra e Mário faleceram com menos de um ano). Florina ajudava nas tarefas da casa e lecionava para as crianças das redondezas. (SOUZA, s/d, p.1). Em 1916, a família se transfere para a localidade de Passo das Tropas. Em 1919, Florina é nomeada professora municipal, na localidade de Pau-a-Pique, percebendo um valor mensal da prefeitura, com a possibilidade de cobrar uma pequena quantia de cada aluno⁴⁰.

Florina e João casaram-se em 25 de dezembro de 1920. Não foram encontradas referências concretas sobre o relacionamento prévio do casal. Entre 1922 e 1926, o casal residiu com outros familiares em dois locais diferentes, e nesse período nasceram os três primeiros filhos: Paulo (1922), Denizard (1923) e Maria Magdalena (1925). Em 1926, a família se estabeleceu em uma residência na rua Dr. Bozzano nº 80, onde atualmente está localizado o edifício residencial e comercial “João da Fontoura e Souza”. Neste local, além da moradia, seria instalada a Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, criada em sociedade com o sogro, Alfredo Luiz da Silva. Além da formação profissional como guarda-livros, desempenhando suas atividades profissionais nos Correios e Telégrafos, João da Fontoura e Souza cursou a graduação em Farmácia, na qual ingressou em 1935 (outras fontes informam o ano de 1934), e formou-se em 1937 pela então Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Maria, antecedente da atual Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas recebeu o diploma apenas em 1955, por motivo ignorado.

O casal Florina e João teve quatorze filhos. Na autobiografia, Florina faz menção a três meninas que estiveram sob seus cuidados: Orestina, em 1930, que ficou em sua companhia até a maioridade; Elvira, em 1946, órfã, sem maiores informações; e Tereza, em 1947, que posteriormente entregou a uma irmã (SOUZA,

³⁹ Formação semelhante ao atual curso técnico em contabilidade.

⁴⁰ Observa-se, no texto da autobiografia, a utilização da unidade monetária Cruzeiro, para expressar os valores que Florina percebia pelo trabalho como professora: CR\$ 50,00 mensais, com a possibilidade de cobrar CR\$ 2,00 por aluno. Muito provavelmente, estes valores estão incorretos ou expressos na moeda errada, visto que o Cruzeiro entrou em vigor apenas em 1942, e os relatos dizem respeito ao ano de 1919. BANCO CENTRAL DO BRASIL. Síntese dos padrões monetários. Brasília: Banco Central do Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2016.

s/d, p.2). Na relação que se segue, constam os nomes dos filhos do casal, com os respectivos cônjuges e suas atividades profissionais, com destaque para as profissões na área da saúde⁴¹:

Paulo da Silva e Souza (18/12/1922), médico ginecologista, casado com Maria Januária Bueno e Souza, advogada. Tiveram 14 filhos. Paulo foi candidato ao cargo de vice-prefeito municipal nas Eleições de 1968, pela sublegenda I do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), com Floriano Campos da Rocha como candidato a prefeito. O partido havia apresentado três chapas ao certame, vencido por Arthur Marques Pfeifer e Pedro Anselmo Santini, da Aliança Renovadora Nacional (ARENA)⁴².

Denizard da Silva e Souza (27/12/1923), médico psiquiatra, homeopata e professor da UFSM, casado com Zenaide Lucia Martinelle de Souza, professora do Departamento de Letras da UFSM. Tiveram 2 filhos.

Maria Magdalena Souza Marques (30/09/1925), farmacêutica homeopática, casada com Israel Pereira Marques, técnico de laboratório de análises. Tiveram 8 filhos.

Flamarion da Silva e Souza (01/12/1926), médico ortopedista, casado com Lenita Madalena Porto e Souza, médica dermatologista e professora da UFSM. Tiveram 2 filhos.

Universina Souza de Souza (11/05/1928), empresária, casada com Joel Bastos de Souza, advogado e diretor do SENAI em Caxias do Sul/RS. Tiveram 7 filhos.

João da Silva e Souza (02/11/1929), farmacêutico prático e fotógrafo, casado com Cora Mercedes Machado e Souza, laboratorista e funcionária da UFSM. Tiveram 3 filhos.

Victor Hugo da Silva e Souza (24/02/1931), farmacêutico e professor da UFSM, casado com Ester Leite e Souza, professora da UFSM e ex-coordenadora do curso de Geografia da UFSM na década de 1980. Tiveram 3 filhos.

Orion da Silva e Souza (30/01/1933), casado com Maria Cândida Penna e Souza, ambos funcionários laboratoristas da UFSM. Tiveram 8 filhos.

Nilza Souza Dias (10/09/1934), cirurgiã dentista e professora da UFSM, casada com Fernando Souto Dias, militar e cirurgião dentista. Tiveram 5 filhos.

⁴¹ Essa relação foi elaborada a partir dos dados presentes nas biografias escritas por Dias (1997 e s/d) e Souza (s/d). Foi utilizada, também, a Consulta de Servidor disponível no website da UFSM para conferência de dados. Disponível em: <<http://progep.ufsm.br/consultaservidor>>.

⁴² Informações extraídas do website do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul. Disponível em < http://www.tre-rs.gov.br/upload/36/Municipais_Santa_Maria1968.PDF>. Acesso em 09 jan. 2017.

Carlos Gomes da Silva e Souza (11/07/1936), médico otorrinolaringologista, casado com Josephina Dias Souza, auxiliar de medicina. Tiveram 5 filhos.

Conchita Souza Cabistani (26/10/1938), professora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, casada com Ozi Machado Villanova – médico pediatra (1º) e Walter Cabistani – advogado (2º). Teve 3 filhos, 1 no primeiro casamento e 2 no segundo.

Ismael da Silva e Souza (23/04/1940), cirurgião dentista e professor da UFSM, casado com Iara Andrade Souza, contadora. Tiveram 4 filhos.

Florina Souza Pinto (15/02/1942), médica pediatra e professora da UFSM, casada com Gabriel Mário da Silva Pinto, médico cardiologista e professor da UFSM. Tiveram 6 filhos.

Julião da Silva e Souza (15/02/1944), zootecnista, funcionário público estadual e criminólogo, casado com Vera Eni Martins de Souza, professora de classe especial do estado. Tiveram 4 filhos.⁴³

João da Fontoura e Souza faleceu em 16 de abril de 1963, e Florina da Silva e Souza, em 29 de abril de 1971.

2.3.2 Os Silva e Souza e o espiritismo santa-mariense

Em 25 de dezembro de 1903, no distrito de Água Boa, foi criada a Sociedade Espírita Paz, Amor e Caridade – Francisco da Silveira, considerada como a primeira casa espírita de Santa Maria (RS). Nos anos seguintes, surgiram outras casas espíritas, como a Sociedade Espírita Mont'Alverne (1910); Sociedade Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (1915); Sociedade Espírita Cáritas (1918) – participa João da Fontoura e Souza; Sociedade Espírita Guilhermina de Almeida (1919) – participam Florina Pereira da Silva, seus pais e sua avó materna; Sociedade Espírita Caminho da Luz (1919); Sociedade Espírita Francisco Costa (1920); Sociedade Caminho da Verdade (1920) – participam Florina e seus pais. Em 1921, é reinaugurada a Aliança Espírita Santa-mariense, que havia surgido em 1918 e desativada durante três anos. João e Florina fizeram parte da diretoria da nova entidade, como primeiro e segunda secretária, enquanto Alfredo Luiz da Silva era

⁴³ Na atualidade, dos quatorze filhos do casal João da Fontoura e Souza e Florina da Silva e Souza, doze já faleceram, exceto as irmãs Florina Souza Pinto e Nilza Souza Dias.

presidente, e Universina Pereira da Silva, a vice-presidente. Nos anos que seguiram, participaram da fundação de outras sociedades espíritas⁴⁴.

A Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SEFEC) começou a ser gestada em 1926. Segundo Florina da Silva e Souza, em sua autobiografia, a entidade começou a funcionar em sua residência, ainda neste ano. Em 1927, a SEFEC foi transferida para a residência de Nenê Aquino Nessi, iniciando suas atividades de forma oficial no dia 13 de abril de 1927. Até 1979, a associação estava restrita a mulheres, embora tenha contado com a colaboração de homens como o advogado Fernando do Ó e o escrivão Octacílio Carlos Aguiar, figuras destacadas do movimento espírita santa-mariense. Atribui-se a uma comunicação espiritual de Guilhermina d'Almeida, através do médium Fernando do Ó, a inspiração para a criação da SEFEC (WEBER, SCHERER, 2012, p.25-26).

Em 1931, a partir de comunicação espiritual atribuída ao médico Pantaleão José Pinto (Dr. Pantaleão)⁴⁵, Florina da Silva e Souza promove, com o apoio e a cessão da residência por parte de Joaquina Flores de Carvalho, o Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, com a recepção das primeiras internas, e sua abertura oficial no ano seguinte. A atuação da SEFEC, especialmente a partir da criação do Abrigo, teve papel fundamental para a legitimação social do espiritismo na cidade, em função do alcance das obras assistenciais realizadas pela entidade (SCHERER, 2013; GIRARDI, 2014; WEBER, SCHERER, 2015).

Florina da Silva e Souza exerceu grande protagonismo na criação e desenvolvimento da SEFEC e de suas atividades, da qual foi sócia e presidente. Como será abordado no capítulo seguinte, os relatos sobre a sua história pessoal são em grande medida pautados pela vivência construída nessa entidade. A sua saída, ocorrida nos anos 1950, não é mencionada ou explicada nos escritos biográficos aqui analisados, produzidos pela família. Conforme a documentação da SEFEC, a gestão sofreu críticas contundentes por parte de grupos de oposição, em

⁴⁴ Além das entidades já citadas, João da Fontoura e Souza participou da fundação da Sociedade Espírita Paz e Fraternidade (1921), com a esposa; da Sociedade de Propaganda Espírita (1924); da Sociedade Fraternidade (1924), com a esposa; Abrigo Espírita Instrução e Trabalho (1931-2); Sociedade Espírita Discípulos de Jesus (1940); Sociedade Espírita Victor Menna Barreto (1955). Já Florina participou da fundação da SEFEC (1927), da Juventude Espírita Santa-mariense (1939), da Sociedade Espírita Beneficente João da Fontoura e Souza (1963); da SBPAC (1966).

⁴⁵O médico Pantaleão José Pinto foi uma figura expressiva no contexto das práticas de cura em Santa Maria/RS nas últimas décadas do século XIX, exercendo diferentes cargos políticos, como o de Vereador e de Presidente da Câmara Municipal, e construindo uma imagem de homem sábio e médico abnegado e humanitário (WITTER, 2001, p. 82-83).

1952 e, posteriormente, em 1956 e 1957. Scherer e Weber (2015) constataram, a partir das atas de reunião da instituição, que:

Em 1956 e 1957, novas denúncias sobre os serviços prestados pelo Abrigo e sua situação financeira vieram à tona a partir da eleição de uma nova diretoria, que recebeu forte oposição do grupo derrotado, que estava na administração da SEEC há mais de uma década. Com efeito, apesar da vitória, o novo grupo dirigente encontrou resistências dentro e fora da instituição. Essa oposição é atestada por três relatórios correspondentes ao ano de 1957, que possuem forte teor de crítica à administração anterior, destacando-se as condições precárias em que o Abrigo se encontrava (2015, p. 212).

Sobre a representação de 1952, a mesma resultou em um mandado de citação por parte do Juiz de Menores da Comarca de Santa Maria, em 27 de junho de 1952. Florina da Silva e Souza, com a assistência jurídica do advogado Fernando do Ó, elaborou uma resposta na qual responde ponto a ponto as acusações, relacionadas à administração da casa, à alimentação e as condições destinadas às internas do Abrigo. Além disso, incluiu uma “pequena biografia” das pessoas que realizaram a denúncia, explicitando as divergências que tiveram com a direção ou, inclusive, problemas de conduta. Esse material foi compilado em formato de uma cartilha, encontrada por acaso em meio a documentação da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha. Incluí, ainda, a sentença que determinou o arquivamento da causa, e dois excertos, extraídos do livro *Lendas do povo de Deus*⁴⁶, intitulados “Oposição” e “Caluniador”. Possivelmente, o material tenha sido impresso para distribuição entre as sócias da SEFEC, mas o documento não apresenta esse tipo de informação.

Na documentação da instituição, e também no acervo familiar e nos escritos biográficos, especialmente de e sobre Florina da Silva e Souza, as menções à sua participação na SEFEC cessam entre o final da década de 1950 e a seguinte. Sobre essa relação, Scherer e Weber (2015) observam que:

De fato, apesar desses episódios, tais indivíduos são até hoje prestigiados dentro do grupo por suas ações em favor das crianças assistidas e da difusão do espiritismo na cidade, figurando, nesse sentido, como importantes elementos da memória constituída pela SEEC. Todavia, eles também estão associados a episódios traumáticos, dado o impacto desses conflitos que repercutiram, inclusive, no movimento espírita local, daí sua supressão e a de aspectos que possam referenciá-los (2015, p.212).

⁴⁶ Provavelmente, trata-se do livro de autoria de Malba Tahan, mas a referência ao autor não é citada no material.

Um dos principais legados de Florina junto à SEFEC/SEEC está relacionado à criação do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho que, dada a sua importância para a família Silva e Souza, para a instituição e para sua imagem perante a sociedade santa-mariense, é pertinente considerá-lo à parte, buscando entendê-lo a partir da perspectiva espírita de caridade e assistência social.

2.3.3 Caridade, educação e trabalho: O Abrigo Espírita Instrução e Trabalho e a Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança

O Abrigo Espírita Instrução e Trabalho foi criado em 1931, como um órgão vinculado à SEFEC, atendendo inicialmente apenas a meninas. A justificativa para a criação do Abrigo é atribuída a uma comunicação espiritual, que será abordada no capítulo seguinte, a partir das memórias de Florina em sua autobiografia. Segundo o relato, pouco tempo após a recepção dessa mensagem, Joaquina Flores de Carvalho, uma amiga da família, cedeu a sua residência e ofereceu os seus préstimos para cuidar das crianças que ingressassem no Abrigo. Por esse motivo, o Abrigo e, por extensão, a SEFEC, são popularmente conhecidos como Lar de Joaquina.

A informação sobre a data oficial da abertura do Lar é conflitante, sendo possível encontrar referência aos anos de 1931 (data provável, em virtude do ingresso das primeiras meninas), 1932 (ano de regularização do Abrigo) e 1933 (informação que apareceu no histórico disponível no *site web* da SEEC, ausente na versão atual da página).

A partir da análise dos dados dos livros de registro de internos/internas, Girardi (2014) observa que os principais motivos de ingresso de crianças e jovens no Abrigo eram “a pobreza, a morte ou doença de um dos pais/responsáveis e o encaminhamento pela justiça ou pelos órgãos públicos de assistência ao menor são os fatores mais comuns (...), sendo que em alguns casos observamos mais de uma motivação” (p.36). Eram recorrentes os casos de menores que permaneciam na instituição por um período de tempo determinado, em função de dificuldades econômicas da família. A partir dos anos 1940, a intervenção do juiz de menores para ordenar a entrada ou saída de menores passa a ser mais intensa (2014, p.38).

Na tese Assistência Social, proferida por Florina da Silva e Souza no I Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, em 1945, apresenta-se uma perspectiva

de caridade aplicada à especificidade do Abrigo, considerando que, para além do amparo material, as crianças e jovens também precisavam de amparo espiritual:

Amparar o infeliz viandante sem rumo e pão é obra urgente de nossa doutrina no dia de hoje. E se cuidarmos, de amparar a juventude abandonada tão abundante na atualidade tentaremos fechar os albergues em futuro-proximo ensinado a essa mesma juventude faminta de luz e pão a construir sua casa no amanhã que se vê raiar. O albergue remedeia o erro de ontem O Abrigo para menores construiu o amanhã radioso (p.4-5).

A instituição oferecia, além do internato, alimentação, cuidados médicos, ensino escolar e aprendizado de atividades domésticas e ofícios, além de instrução religiosa (SCHERER, 2013; GIRARDI, 2014). A Escola Instrução e Trabalho foi criada em 1952, recebendo também alunos não-internos. Antes disso, as crianças já recebiam instrução no Abrigo. Conforme o Relatório da SEFEC de 1953,

As meninas recebem ensino doméstico, confecções, colchoaria, enfermagem, costura, horticultura e cosinha. Mantemos ainda uma pequena tipografia para ensino de Arte Tipográfica, de onde se aproveita para tirar alguma renda para auxiliar a casa.

Os meninos aprendem agricultura, criações, trabalhos de tambo e tudo mais que se possa ensinar de utilidade para o dia de amanhã. Muitos meninos já serviram a Pátria e voltaram como reservistas em busca deste lar. Outros tiraram curso de tratoristas e se acham colocados em oficinas mecânica conhecidas da cidade. São atendidos por um casal que cuida da alimentação e vestuário (s/p).

Observa-se uma diferença de tratamento em função do gênero, visto que as atividades destinadas às meninas eram predominantemente domésticas, enquanto os meninos recebiam aprendizagem profissional. A seção masculina do Abrigo, criada no atual município de Itaara em 1944, tem uma duração efêmera, provavelmente em função de dificuldades econômicas da instituição, sendo encerrada em 1956. No local, funcionou também a Escola Allan Kardec, que teve Universina Pereira de Souza como sua primeira professora⁴⁷.

No que diz respeito aos cuidados médicos, as crianças e jovens internos recebiam atenção de diversos profissionais, especialmente daqueles vinculados ao espiritismo, como Antônio Victor Menna Barreto, Amaury Lenz e Olegário Maya, entre outros. A enfermaria, criada em 1949, e posteriormente convertida no Hospital Infantil Nenê Aquino Nessi, é um exemplo de envolvimento intenso da família Silva e

⁴⁷ Discurso de Nilza Souza Dias na Câmara de Vereadores de Itaara (RS), no dia 03 de maio de 2016. Acervo pessoal.

Souza com a instituição, pois Denizard da Silva e Souza foi designado como diretor do hospital. Em 1955, alguns integrantes da família fundam o Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SAMPAR), e este estabeleceu um convênio para o uso das instalações do hospital por um período de vinte anos, oferecendo como contrapartida atendimento gratuito às internas do Abrigo⁴⁸. Não há, na documentação da SEFEC, informações mais específicas sobre o funcionamento do hospital, que encerrou as atividades em 1963, em função de dificuldades financeiras (SCHERER, WEBER, 2012, p.98).

A Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança (SBPAC) foi fundada em 20 de julho de 1966, tendo como sede o prédio pertencente à família Silva e Souza, sito à rua Coronel Niederauer, 1488. Segundo a sua Ata de Fundação, foi constituída para ser “uma sociedade que proteja e eduque e oriente profissionalmente crianças desamparadas, desde tenra idade até os quatorze anos”⁴⁹. A entidade deveria abrir um educandário, que se chamaria Ieda Maria, em homenagem à filha falecida de Maria Januária Bueno e Souza, primeira presidente e nora de Florina da Silva e Souza, declarada vice-presidente. A SBPAC foi criada, cabe destacar, após a saída de Florina da direção da SEFEC, seguindo-se o afastamento dos familiares das atividades desta instituição. Ao longo da história da SBPAC, diversos familiares participaram da entidade e exerceram cargos diretivos. A sociedade deveria oferecer assistência material, médico-hospitalar e espiritual, através do espiritismo⁵⁰. Em relação a esse último aspecto, cabe destacar que a SBPAC é filiada à Aliança Espírita Santa-mariense desde 1976⁵¹.

O Educandário Ieda Maria foi fundado oficialmente em 12 de outubro de 1967, para abrigar meninas entre 0 e 14 anos, e meninos de 0 a 6 anos e a Escola Florina da Silva e Souza, em 27 de abril de 1968. Neste mesmo ano, a família doou uma área à SBPAC em Itaara, na qual funcionam as instalações da escola até a atualidade, e, em 1980, o casal Fernando Souto Dias e Nilza Souza Dias fizeram

⁴⁸ Ata n. 129, de 30 de outubro de 1955. Livro de Atas n. 6. Acervo da Sociedade Espírita Estudo e Caridade.

⁴⁹ Ata de Fundação da Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança, de 20 de julho de 1966. Acervo pessoal de Florina Souza Pinto.

⁵⁰ Ata de Fundação da Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança, de 20 de julho de 1966. Acervo pessoal de Florina Souza Pinto.

⁵¹ Folheto Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança – Educandário Ieda Maria – 25 anos (1966-1991). Acervo pessoal de Florina Souza Pinto.

novas doações de terras⁵². Nos anos seguintes, a Sociedade inaugurou um ambulatório médico-farmacêutico e odontológico e uma padaria (1979); a sede da Escola Florina da Silva e Souza (1980) e um Departamento de Deficientes Físicos e Mentais (1997), cuja criação estava prevista no ato de fundação da SBPAC⁵³.

2.3.4 A atuação da família Silva e Souza na área da saúde

A família Silva e Souza mantém atividades na área da saúde até os dias atuais. O SAMPAR e a Farmácia Homeopática Cruz Vermelha são empresas muito reconhecidas na cidade, assim como a atuação profissional de familiares como médicos, farmacêuticos, dentistas, dentre outras formações. Nesse sentido, cabe salientar que a compreensão a respeito da saúde e das doenças da família é muito influenciada pelos postulados do espiritismo.

A vinculação da família com a homeopatia teria se iniciado em 1925, a partir do encontro entre João da Fontoura e Souza e o médico homeopata Olegário da Costa Maya, oriundo do Rio de Janeiro. Este médico teria motivado a criação da empresa, em virtude da ausência de uma farmácia especializada na cidade. No dia 08 de março de 1926, João e o sogro Alfredo Luiz da Silva deram início às atividades da Cruz Vermelha, na qual Florina ajudava e, com o tempo, também os filhos do casal⁵⁴. Em 1928, a farmácia passa a ser propriedade exclusiva de João. Sobre o funcionamento da empresa, Florina da Silva e Souza, em texto escrito em 1966, afirma que

Nossos esforços prestados a favor da homeopatia, junto aos deveres de bem servir na distribuição legítima e pura da homeopatia, acessível aos pobres e necessitados, distribuindo sem distinção, gratuitamente, àquêles que não podem comprar têm sido contínuo⁵⁵.

⁵² DIAS, N.S. Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança – Educandário Ieda Maria 1966/2016. Acervo pessoal de Nilza Souza Dias. Há várias versões desse histórico, datadas de 1989, 1992,

⁵³ A escola funciona, em um primeiro momento, como anexo à Escola Municipal Schimel Axelrud (1980-1988). Em 1989, a escola é legalizada pelo Conselho Estadual de Educação e pela 8ª Coordenadoria Regional de Educação.

⁵⁴ Autobiografia Períodos de “uma existência” começada no ano de 1902, de Florina da Silva e Souza.

A RAZÃO. Farmácia Homeopática Cruz Vermelha completa amanhã 50 anos. Domingo, 7 de março de 1976. p. 16. Acervo da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha.

⁵⁵ SOUZA, F.S. Farmácia Homeopática “Cruz Vermelha”: Dados históricos de nossa atividade durante 40 anos. 08 de março de 1966. Acervo da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha.

Após a morte de João, em 1963, e de Florina, em 1971, a farmácia passou a ser administrada pelos filhos Julião, João e Maria Magdalena, e nos anos seguintes, passou por um processo de expansão, a partir da formação do Grupo Homeopática Cruz Vermelha, com pelo menos duas filiais na cidade, a Farmácia Homeopática Cruz Azul, em Bagé (RS) e o Laboratório Homeopático Industrial. Por questões empresariais e familiares, a conformação do grupo é efêmera. Em 1996, também seria fundada, por Maria Magdalena Souza Marques, a Farmácia Homeopática Souza Marques, ainda em funcionamento⁵⁶.

O Serviço de Assistência Médica Particular foi criado em 07 de setembro de 1955, por iniciativa de João da Fontoura e Souza, Florina da Silva e Souza, dos filhos médicos Paulo, Denizard e Flamarion, a farmacêutica Maria Magdalena e também a dentista Nilza⁵⁷, e de outros filhos, genros e noras. O SAMPAR oferecia plantões de atendimento médico de urgência, sendo o primeiro serviço do gênero na cidade. Possuía, também, consultórios médicos e odontológicos, laboratório de análises clínicas e farmácia, funcionando até os dias atuais como uma policlínica. Em 1983, os serviços hospitalares oferecidos pelo SAMPAR foram transferidos para uma área no bairro Nossa Senhora de Lourdes, dando origem ao Centro Médico Hospitalar, atual Hospital São Francisco, sob administração das irmãs franciscanas⁵⁸.

⁵⁶ Também foram criadas a Central da Homeopatia, atualmente denominada Farmácia Homeopática Souza Marques, em Santa Maria (RS) e outras farmácias já extintas, como a Farmácia Homeopática Cruz Vermelha na cidade de Caçapava do Sul (RS), a Farmácia Homeopática Grandiflorus em Caçador (SC) e a Farmácia Homeopática João da Fontoura e Souza em Londrina (PR).

⁵⁷ Conforme atestado de participação de Nilza Souza Dias na fundação do SAMPAR. Acervo pessoal de Nilza Souza Dias

⁵⁸ LEMOS, Patrícia. 50 anos do Sampar, selados e carimbados. Diário de Santa Maria, Santa Maria, RS. 19-20 nov. 2005, p. 18. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria - RS.

A RAZÃO. Sampar: seis décadas de dedicação à saúde. 09 set. 2015. Disponível em: <<http://www.arazao.com.br/imprimir-noticia/71616/sampar-seis-decadas-de-dedicacao-a-saude/>>. Acesso em 10 set. 2015.

3 BIOGRAFIAS, ESCRITAS DE SI E MEMÓRIA: VERSÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA SILVA E SOUZA

A família Silva e Souza construiu uma trajetória coletiva que está associada especialmente à constituição do movimento espírita em Santa Maria, participando da fundação e da gestão de diferentes entidades espíritas e obras de assistência social e caridade. É relevante, também, citar a vinculação da família com a área da saúde, através da prática da medicina homeopática, da medicina tradicional e de outras formações profissionais.

Optou-se, para a análise realizada neste capítulo, por quatro textos: dois deles sobre Florina da Silva e Souza – uma biografia, escrita por Nilza Souza Dias, filha do casal, e uma autobiografia, que compreende a sua vida entre o seu nascimento e o início da década de 1950 -, e dois textos relacionados a João da Fontoura e Souza – uma biografia escrita pela filha e a carta-testamento escrita por ele após sofrer um acidente doméstico. Os quatro textos abarcam o período correspondente ao recorte temporal do trabalho, entre 1920, ano do casamento entre Florina e João, e 1971, ano de falecimento de Florina. Incluem uma série de acontecimentos que são importantes para a compreensão da história e da constituição da memória familiar, intimamente ligada ao desenvolvimento do movimento espírita santa-mariense, da prática da homeopatia e dos serviços de atenção à saúde e de obras voltadas à caridade, embora abordados (ou não) nos textos de forma marcadamente desigual.

O capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresento alguns elementos teóricos pertinentes para a discussão, em relação aos conceitos de memória, identidade e escritas de si. Na segunda, analiso a autobiografia de Florina da Silva e Souza e a biografia escrita por uma de suas filhas, enquanto que na terceira parte realizo o mesmo com a biografia sobre João da Fontoura e Souza e sua carta-testamento. Na quarta e última parte, apresento algumas reflexões sobre o conjunto dos textos.

3.1 MEMÓRIA, ESCRITAS DE SI, BIOGRAFIAS: ALGUNS ELEMENTOS TEÓRICOS

A bibliografia sobre a história do espiritismo identifica o papel central exercido pela prática da caridade para a constituição do movimento espírita no Brasil, como já abordado no primeiro capítulo desta dissertação. Distintos integrantes da família, por sua vez, como Florina da Silva e Souza, participaram de entidades voltadas para a caridade, como abrigos para menores, escolas, hospital, entre outras. Essa relação – *os Silva e Souza praticavam a caridade porque eram espíritas, e os espíritas necessariamente praticam a caridade* - não pode ser feita de forma automática, sem buscar e analisar fontes, considerar as histórias individuais dos membros do grupo, compreender como era a inserção dos familiares em cada um desses espaços supracitados, e assim por diante. Em outras palavras, a identificação da importância do espiritismo na trajetória dos membros da família Silva e Souza não deve condicionar ou predeterminar a análise que possa ser feita sobre os acontecimentos, pessoas ou entidades. Nesse sentido, Schmidt (2014) alerta, a partir de uma perspectiva que contempla o problema da ilusão biográfica, que:

(...) um dos principais desafios dos biógrafos na atualidade é capturar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, construindo-os não de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta suas hesitações, incertezas, incoerências, transformações. Isso implica também o abandono da linearidade cronológica, o que obriga os historiadores a lidarem com diferentes temporalidades: tempo "contextual" (o panorama político, econômico, cultural), tempo familiar, tempo interior, tempo da memória, etc (p.197).

Entender e expressar de forma verossímil os sentimentos e intenções de uma pessoa, por mais detalhadas que sejam as “intimidades” por elas relatadas, é uma tarefa difícil. Nesse sentido, é pertinente introduzir a discussão sobre as chamadas escritas de si. Em linhas gerais, pode compreender qualquer tipo de documento escrito no qual o indivíduo fale sobre si mesmo. Os historiadores, comumente, lidam com três tipos de documentos dessa natureza: cartas, diários e autobiografias. Poderíamos adicionar a essa lista, pensando nas possibilidades de acesso à informação e comunicação contemporâneas, como os blogs pessoais, e-mails, perfis pessoais nas redes sociais da internet, entre outros. Sobre as práticas deste tipo de escrita, Gomes (2004) afirma que elas podem evidenciar

(...) como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período de vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo o indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo do registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p.13).

Esse tipo de documento pode apresentar distintas características, como a linguagem empregada, a finalidade a que se destina, o tipo de relato que apresenta, a referência ou não a outras pessoas ou acontecimentos que podem ser contrastados a partir de outras fontes, entre outras. Nesse sentido, é importante assinalar que o rigor metodológico e a crítica documental não é maior ou menor do que em relação a outros documentos, mas é imprescindível considerar suas especificidades. No caso da autobiografia de Florina da Silva e Souza, por exemplo, a autora cita os filhos como destinatários de seu texto (SOUZA, s/d, p.25).

A discussão sobre autobiografias também está pautada pelos conceitos de memória e história, que compartilham sua vinculação com o passado, mas não são sinônimos, pois “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p.9). Dessa diferenciação podemos apreender alguns elementos que são pertinentes. A memória, embora esteja necessariamente ancorada no passado, está vinculada ao contexto em que é constituída como tal, no qual é relatada. Em outras palavras, a forma como vemos, falamos ou escrevemos sobre um mesmo acontecimento se altera ao longo do tempo, assumindo maior ou menor relevância conforme as exigências que o presente nos impõe. Outrossim, urge considerar que nem memória, nem história, correspondem ao passado “em si”, posto que este é inacessível em sua totalidade ou essência, e impossível de ser reproduzido integralmente. No entanto, isto não reduz ou invalida a importância da memória enquanto percepção humana sobre o passado, vivida em primeira pessoa ou assimilada através das interações sociais. Ela não está restrita apenas àquilo que o

ser humano lembra, mas como ele percebe e opera essas lembranças. Como afirma Candau (2012) “Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (p.61).

Essa interpretação reforça a ideia de que não lidamos com uma memória absoluta, absolutamente fiel aos acontecimentos. Nesse sentido, cabe entender como se dão os mecanismos de seleção da memória. Pollak (1989) faz referência às noções de memória, esquecimento e silêncio. Para entendê-las melhor, é importante recorrer a outros conceitos, como o de ressentimento, que pode levar os indivíduos a constituir suas memórias em função da omissão de determinadas lembranças ou de um esforço para esquecer-las, bem como da criação de um sentimento negativo em torno dessas lembranças. O ressentimento pode ser resultado da experiência de humilhação, de um sentimento de inferioridade, de desprezo, de ódio, de injustiça, etc. Ansart (2001), ao abordar as interpretações dadas por Friedrich Nietzsche e Max Scheler para este conceito, ressalta a dificuldade de se compreender como e porque ele se manifesta, hesitando entre a incapacidade do indivíduo de expressar esse sentimento e a expressão aberta do ressentimento. Pensando na construção de memórias, entendo que a memória ressentida pode ser expressa através da forma como o indivíduo ou grupo se refere ao tema ou, também, pela omissão.

Nesse ponto, é pertinente pensar sobre a relação entre memórias individuais e coletivas, interpretadas de diferentes formas ao longo do tempo. Candau (2012) divide a memória individual em três manifestações diferentes. A primeira é a protomemória, que está relacionada ao conceito bourdieusiano de habitus, tratando-se de uma espécie de “memória social incorporada”, adquirida ao longo do tempo e que se manifesta de forma involuntária ou inconsciente. A segunda manifestação é a memória propriamente dita ou de alto nível, enquanto a terceira é a metamemória, que é a “representação que cada indivíduo faz de sua própria memória” (CANDAU, 2012, p.23). As duas primeiras formas dependem da faculdade de memória, ou seja, de recordação, de lembrança, enquanto a terceira é uma representação dessa faculdade e, portanto, consiste em um conjunto de escolhas. A memória coletiva, para Candau, é uma metamemória, “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (p.24). Essa leitura contempla a relação entre indivíduo e sociedade,

ou, mais especificamente, os grupos no qual ele está inserido, no que tange à construção da memória.

Para Candau (2012), a relação entre memória e identidade é central. Os dois conceitos são indissoluvelmente ligados. “A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra (2012, p.16). Identidade corresponde à forma como nos reconhecemos, diz respeito àquilo que somos, e a forma primeira como acessamos aos elementos que nos constituem, tudo se dá através da memória. Conforme Candau (2012), “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (p.19).

A identidade é uma construção, composta por valores e referências que estão em permanente processo de transformação. Nesse sentido, como afirma Silva (2009), a identidade “não é uma essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura”. As identidades são forjadas, ainda, a partir do contato do indivíduo com o meio, com os grupos nos quais está inserido. Como aborda Melucci (2004),

(...) nossa identidade pessoal, que é produzida e mantida pela identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (“Eu sou para Ti o Tu que Tu és para Mim”) (p. 45).

As biografias sobre João da Fontoura e Souza e, especialmente, Florina da Silva e Souza, apresentam elementos que evidenciam a construção de identidades pautadas pelo espiritismo e pelo pertencimento a entidades espíritas. Neste trabalho são analisados dois textos biográficos (as biografias de João da Fontoura e Souza e de Florina da Silva e Souza escritas por Nilza Souza Dias), um texto autobiográfico (a autobiografia de Florina) e uma carta, escrita por João. Os quatro textos oferecem distintas perspectivas sobre acontecimentos e pessoas que passaram pela vida do casal e da família. Presenças, ausências, reiterações, uso de determinados adjetivos, citações de diálogos, entre outros, são aspectos diversos e muito significativos para a compreensão da construção de memórias e identidades.

3.2 BIOGRAFIAS DE FLORINA DA SILVA E SOUZA: UMA ESPÍRITA

Os dois textos aqui analisados exploram diferentes passagens da vida de Florina da Silva e Souza, nascida em 1902 e batizada como Florina da Silva Pereira. O manuscrito autobiográfico de Florina foi intitulado como *Períodos de “Uma Existência” começada no ano 1902*, e finalizado, provavelmente, no início da década de 1950, como indicam datas inscritas em alguns dos relatos. O material possui 43 páginas, incluindo alguns anexos. Não é possível afirmar se o texto foi escrito de uma só vez, reescrito a partir de passagens escritas em formato de diário ou elaborado de forma cumulativa ao longo do tempo. O material aborda, de forma majoritária, a inserção de Florina, com a família, no movimento espírita, como praticante e médium, e também como dirigente, especialmente da SEFEC e do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho. O uso da expressão “uma existência”, entre aspas, é uma clara menção ao espiritismo⁵⁹. Esse é um elemento fundamental e norteador para a compreensão do conjunto do texto, isto é, identificar em que medida a compreensão de si mesma como “espírita” interferiu em suas ações, e, sobretudo, na construção de suas memórias, expressas em sua autobiografia. Cabe ressaltar, também, que esse texto foi utilizado como fonte para a biografia de Florina escrita pela filha (DIAS, 1997), que será abordada mais adiante.

Bourdieu (2008) afirma que a autobiografia permite que o indivíduo atue como “ideólogo da própria vida”, visto que ela

(...) inspira-se sempre, ao menos em parte, na preocupação de atribuir sentido, de encontrar a razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário (p.184).

Não é uma tarefa simples explicar a complexidade de uma vida – medos, angústias, dúvidas, privações, momentos felizes – de forma coerente. Um texto autobiográfico não está isento deste tipo de dificuldade, pois é impossível apreender todas as explicações possíveis para acontecimentos ou sentimentos, especialmente quando estes aconteceram há muitos anos. Outrossim, a leitura que um indivíduo

⁵⁹ A crença na reencarnação (e em múltiplas “existências”) é basilar para a doutrina espírita.

realiza sobre o seu passado também está permeada por uma série de lacunas que ele buscará preencher e dotar de sentido.

Neste trabalho, Florina da Silva e Souza constrói um texto no qual relata diversas passagens sobre sua vida pessoal e sua atuação no movimento espírita santa-mariense. Nas primeiras páginas, ela fala sobre o seu nascimento, como Florina Pereira da Silva, e traz informações sobre sua genealogia, com os nomes de seus pais, irmãos e avós. Na sequência, aborda sua atuação como professora (1919), seu casamento com João da Fontoura e Souza (1920) e os nomes e datas de nascimento dos quatorze filhos. Em termos de construção de uma memória fortemente vinculada ao espiritismo, o episódio do casamento é assinalável, pois Florina destaca a presença em peso da “família espírita”, citando os nomes de figuras relevantes do movimento espírita santa-mariense naquele período: Antônio Francisco Peters, Octacílio Carlos Aguiar, Evergisto Duarte e suas esposas.

A partir da página 3, Florina passa a relatar acontecimentos relacionados ao movimento espírita e a fundação da SEFEC e do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, bem como à homeopatia. Esse tipo de relato ocupa lugar central no seu texto. Em primeiro lugar, cita a criação da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, em 1926, justificando a criação da mesma em virtude de solicitação realizada pelo médico homeopata Olegário da Costa Maya, que “precisava de uma Farmácia de sua confiança”. Florina compartilha os afazeres da farmácia com o esposo (p.3). Neste mesmo ano, ela reuniu em sua casa diversas amigas, “para fundar uma sociedade de estudos da Doutrina Kardecista e pratica da caridade a todos sem distinção de classe, côr ou nacionalidade” (p.3), a Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade.

Florina afirma ter recebido, em 9 de março de 1931, uma comunicação do espírito de Pantaleão José Pinto,

que apontava a miséria em que viviam as criancinhas. Então sem perca de tempo apelei aos sentimentos de minha amiga dona Nilza Gastal Bastide, e de meu esposo convidando a criarmos um Abrigo para a infância abandonada e que ficasse a cargo da Sociedade Estudo e Caridade, que presidíamos nesta época. Meu esposo me desapontou de imediato com uma gostosa gargalhada que veio abrir profundo sulco no meu coração, e pronunciou ainda a seguinte frase: Dona Nilza a Nenê pensa que isso é para nós!.. Isso minha cara é para os que vierem depois!.. e talvez daqui a uns 10 anos, hoje nem nós, nem a Sociedade estamos preparados para realizar-mos. Isso é para os que vierem depois!.. Um momento de silêncio, e com voz quasi que sufocada respondi: Meu velho, porque que os que vierem amanhã não poderão encontrar as coisas começadas?.. por que nós

não nos desdissimos a aplainar o caminho para os que vierem amanhã?.. Uma onda parece ter passado por nosso ambiente, fez-se silêncio, e nossa amiga Nilza disse: Nenê a sociedade não tem recursos para manter uma casa dessa natureza, vamos esperar... Esperaremos sim.

A três dias havíamos recebido a comunicação de Pantaleão uma verdadeira jóia!... e ao findar do terceiro dia recebíamos uma carta de uma amiga que se achava em situação financeira difícil para manter-se, fui até lá a pedido de meu esposo, levar coragem e oferecer a nossa casa para ela vir morar conosco, o que foi aceito de bom grado. Ao me despedir já na rua disse-lhe: Dna. Quinota há três dias recebemos uma jóia do espaço, ela me fez voltar e lêr para ela ouvir, e após perguntou-me, que pretendia fazer diante dessa monumental comunicação? Pretendo fundar um Abrigo. Mal pronunciei estas palavras e minha amiga me pediu encarecidamente que queria cuidar as crianças do Abrigo e ainda nos sedia sua casa por 10 anos sem pagamento, para essa finalidade. Foi como um sonho... minha alma vibrou e ficamos a nos olhar... fiz ela vêr a extensão do que seria um Abrigo e o que poderíamos passar cuidando de crianças doentes, sofílicas de sangue diversos, rudes, teimosas outras que para ali seriam encaminhadas para serem como tenras flôres desbastadas de seus defeitos e bem cuidadas, para não fenecerem. Nada deteve, estava dito (SOUZA, s/d, p.4-5).

Nesse trecho estão presentes alguns elementos cujo destaque é pertinente. Em primeiro lugar, Florina ressalta a transcendência conferida àquela comunicação espiritual, o que é corroborado pela reação atribuída a *Dona Quinota* (Joaquina Flores de Carvalho). A referência à Pantaleão José Pinto deve ser considerada como um argumento de autoridade, pois a referência à inspiração espiritual de uma figura reconhecida ajuda a legitimar as escolhas e iniciativas promovidas. Em segundo lugar, a narrativa destaca as condições adversas nas quais o Abrigo teria sido criado, especialmente de natureza econômica, facilitadas pela cessão da residência para a sua instalação. Nas páginas seguintes, relata a instalação do Abrigo, indicando uma mudança de postura por parte de João, que primeiramente expressou a impossibilidade de se realizar aquela tarefa na situação em que se encontrava a Sociedade, mas que, diante da seguinte sucessão de fatos, age de forma distinta:

Voltei rezando, rezei todo o caminho até minha casa, por ter nas mãos (sem ter ido procurar ou pedir) a Casa e a mulher caridosa para cuidar as crianças que Deus nos enviaria, e tudo seria gratuito. Ao chegar em casa 9 horas da manhã, deparei com uma infeliz mulher que me vinha trazer de Silveira Martins uma menina com 7 anos sífilítica, pedindo que eu as recebesse pelo amôr de Deus porque ela havia saído as 4 horas da madrugada em busca de socorro para aquela filha doente. Olhar fixo no meu esposo, contei-lhe a resolução de nossa amiga Dna. Quinota e este me disse: Vai a tezoureira da Sociedade que no momento era Dna. Nilza, e reúnam a Diretoria para ultimar essa ordem do Alto, caso a Sociedade não possa nós mesmos fundaremos um Abrigo (SOUZA, s/d, p.5).

Nas páginas seguintes, Florina relata uma série de acontecimentos pessoais, através dos quais é possível observar a sua reação diante de adversidades, nos quais sua conduta como espírita, esposa e mãe se viu questionada. A primeira delas diz respeito a uma denúncia realizada na prefeitura, no dia 1º de maio de 1931, por uma menina que havia sido “amparada, acolhida em minha casa mediante pagamento mensal” (s/d, p.6). Florina, sobre essa situação, afirma: “índole má fôra me responsabilizar por crime de infanticídio, quando eu podia provar essa falsa acusação por ter um filho com 3 meses e amamentar” (p.6). O texto não esclarece, no entanto, o teor da acusação. A menina teria sido interrogada na presença de Florina e teria caído em contradição. A história ganhou repercussão pública: “As ideias infamantes circulavam pela cidade de boca em boca, procurando me atingirem com settas envenenadas, mas meu espírito forte e são cheio de fé em cristo me dizia: ‘Calma, não te rebaixes!.,’” (p.7). Diversos amigos se ofereceram para defendê-la através de declarações e protestos nos jornais, mas ela recusou. Entretanto, as supostas calúnias chegariam às páginas de um jornal. Segundo Florina, ela e seu esposo foram procurados pelo diretor do Correio da Serra, oferecendo-lhe vender um “artigo difamatório” que seria publicado, o que é recusado. “No dia seguinte as colunas do seu jornal estampavam a infâmia, a calúnia, que um gerente sem escrúpulos mandou registrar no seu pasquim para uma população sedenta de escândalos” (s/d, p.7).

O segundo relato diz respeito ao seu casamento. Um dia, em 1932, Florina foi à cabeleireira e demorou mais tempo do que o esperado. Perguntaram-lhe se ela queria que avisassem em casa sobre onde ela estava, porque já estava escurecendo, mas ela recusou, porque “meu esposo tem confiança em mim” (p.7). Quando chega em casa, João já havia percorrido diversas casas em sua procura, e mandado os filhos até à cabeleireira, mas estes não a viram. Diante das ofensas que o marido teria lhe dito, Florina escreveu: “Diante destes disparos, que só posso atribuir aos espíritos ruins, me conformei dizendo: ‘Sempre tivestes confiança em mim, que loucura te deu hoje? de me procurar por todas as partes?’” (1950, p.8). A situação aparentemente se resolveu em razão do esforço de Florina para apaziguá-la. É destacável, nesta passagem, o uso de uma interpretação própria do espiritismo (os “espíritos ruins”) como forma de entender ou justificar a reação intempestiva do esposo.

O terceiro caso, relatado em sequência por Florina, ocorreu em maio de 1936, e ocorreu na Farmácia Cruz Vermelha. Um homem, não identificado no texto, que entrara na farmácia para comprar um medicamento, a aborda com um bilhete, aparentemente escrito no verso de uma receita homeopática. Diante da negativa de Florina, ele afirma que ela lhe pertencia desde “encarnações passadas”, e que um espírito teria dito que ela o amava, recebendo a seguinte resposta:

Não creio em reencarnações e nem no espiritismo, se o sr. recebeu isso porque nunca senti afeição ou simpatia pelo sr.. Não pence que me fez bem se declarando assim, fez-me um mal terrível, não vos suportarei mais, e irei me afastar da Aliança para sempre (SOUZA, s/d, p.9).

Diante da recusa, e pedindo à Florina para que não abandone a Aliança, o homem teria ido embora. Na segunda-feira seguinte, ele falou na Tribuna da Aliança sobre o “Perdão das Ofensas”, onde rogava pelo perdão dos ofendidos aos ofensores. Florina, sobre isto, escreveu o seguinte:

Graças a Deus essa tentação não foi levada a efeito, tive muita pena daquele homem que não compreendeu a minha responsabilidade como mãe de 10 filhos e uma mediunidade receitista que tantos benefícios tem prestado aos sofredores. Ele um doutrinador convicto, crente e Seareiro do Senhor, teve uma hora de fraqueza, e não teve sequer a noção de que os espíritos maus se apossaram dele para procurarem me perder e o meu trabalho dentro da doutrina. Ele foi médium, permitido pelo meu Protetor, para que os espíritos do mal me tentassem. Graças a Deus fui de uma fibra que nem os maus puderam me desviar. Um dia depois da sua desencarnação veio dizer o conteúdo do bilhete que eu não havia lido Tu és muito feliz ao lado do esposo e filhos. Eu sou um infeliz, longe de esposa e filha de quem me separei. Foi em sonho que me veio falar, e a linguagem dos espíritos encarnados e desencarnados é essa. Graças a Deus venci, venci essa onda de maléficis... (SOUZA, s/d, p.10).

Continuando o relato, em sequência cronológica, Florina aborda acontecimentos do ano de 1939, no qual foi fundada a Juventude Espírita de Santa Maria, que passa a funcionar junto à Aliança Espírita Santa-mariense, com o envolvimento de sua filha Maria Madalena. Sobre a nova Sociedade, Florina fez uma afirmação emblemática, dizendo que esta “foi outra entidade que surgiu de meu humilde lar, onde foi cultivada e transplantada com carinho e que sobreviverá para orgulho da família espírita, vendo ali unida a mocidade” (SOUZA, s/d, p.10). Outra iniciativa adotada naquele ano, por ideia de Florina, foi a fundação do *Club Agrícola Assis Brasil*, para que “as crianças do Abrigo Instrução e Trabalho tivessem amor à terra” (p.10). Nesse tipo de passagens, Florina reforça o seu protagonismo pessoal e

da família no desenvolvimento histórico do espiritismo kardecista em Santa Maria, especialmente no seio da Estudo e Caridade.

Em 1944, igualmente a partir de ideia lançada pela presidente da SEFEC, seria criada uma secção masculina do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, a partir de pedidos realizados por mães que a procuravam. Junto à secção masculina, instalada em uma área de propriedade da família em Itaara, também foi criada uma escola, que foi registrada nos órgãos competentes com o nome de *Allan Kardec*. Em 31 de março, foi aberta, com 43 alunos de ambos os sexos, internos e externos do abrigo (SOUZA, s/d, p.11). Relata, também, o pedido de apoio financeiro a diversos lugares, especialmente à Legião Brasileira de Assistência, órgão público voltado para a assistência social, que havia sido criado em 1942. Entretanto, os recursos recebidos foram escassos. A seguir, relata o processo de criação de uma enfermaria para o atendimento das crianças internas, motivado, para além da necessidade de prestar cuidados médicos às crianças, por um surto de sarampo que havia atingido a 16 crianças de uma só vez (p.11). Em 7 de setembro de 1946, foi lançada a pedra angular da enfermaria.

Outra passagem representativa do texto tem relação com o 1º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, realizado em 1945. Para esta ocasião, Florina começou a rabiscar uma tese para ser apresentada no evento, em representação do movimento espírita de Santa Maria. Como em outras passagens da autobiografia, ela explicita uma postura contestadora por parte do esposo, que reagiu da seguinte forma: “Petulante e pretenciosa que tu és, pretendes ombrear com médicos e ttes. Coronel, pessoas cultas, uma ignorante como tu!...” (p.12). Segundo o relato, João chega a amassar e jogar fora as páginas que Florina estava escrevendo. Ela, no entanto, insiste, dizendo que sua intenção era pedir que ele escrevesse o texto, o que é recusado. A sua reação foi a de relatar o seguinte cenário:

João vejo uma grande Arvôre baixa muito copada e bem verde, e uma extensão de gelo, como daqui de nossa casa até a praça tres quadras, cobrindo a terra e a árvore até a metade do tronco, e só verde estava a metade e a copa da árvore, no tronco deitados no chão forrado de gelo de um lado com a cabeça encostada na arvore em sentido horizontal tu e do outro lado eu, ambos de costas no gelo seguidos de muitas outras pessoas assim, eram todos espíritas, e servíamos de ponte de ligação do terreno firme ao gelo até a árvore, verde só a parte superior, que eu e tu somos mórtos, nosso nome nada valerá, apenas servimos de ponte para a pobre humanidade atingir a parte viva da arvore que é a Federação Espírita e nós somos a parte de gelo, somos mortos, os outros que ainda restam passarão por cima de nós para atingirem a Federação...(SOUZA, s/d, p. 13).

Após ouvir o relato, João pergunta quando ela havia tido esta visão, ao que ela responde ter sido naquele momento. Ele pede que ela conte novamente:

(...) a parte de gelo são os espíritas que nada fazem pelos pequeninos de Santa Maria que querem atingir ao espiritismo a chegarem até a Federação, nós que nada somos e nada temos, devemos servir de ponte até essa ramagem verde e frondoza. Parei a narração e meu esposo voltou para meu lugar, pegou o lápis e eu fui me afastando em preces a Deus por ter vencido uma grande onda negra de espíritos ruins e maus. Meu esposo em menos de meia hora escreveu 14 folhas de papel almasso (...) (SOUZA, s/d, p.13).

A Tese “Assistência Social” foi defendida no Congresso Espírita, em nome da SEFEC, recebendo adjetivos como “joia rara”, “gema preciosa”, “contribuição preciosa” ou “superior visão”. Scherer (2013) destaca a repercussão da tese, que apareceu nas páginas de *A Reencarnação*, revista da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), e *O Reformador*, publicação da Federação Espírita Brasileira (FEB). Outrossim, foi aprovada uma moção que recomendava aos governos municipal e estadual, bem como à secção estadual da Legião Brasileira de Assistência (LBA), prestar apoio à SEFEC. Nesse sentido, Scherer (2013) afirma que “tais registros atestam o impacto positivo das ações da SEFEC no meio espírita, razão pela qual acreditamos que a instituição tenha sido objeto de grande estima para o movimento espírita santa-mariense” (p.75). Florina ressalta que o texto se deve única e exclusivamente à “Sublime Inspiração”, trazida para o papel pelo marido como médium, sem que ela tenha contribuído diretamente, embora tenha sido cumprida sua intenção de ter uma tese no Congresso (p.14).

Em maio de 1946, Florina afirma ter sido vítima de nova calúnia. No dia 1º de maio, uma abrigada de 14 anos solicitou que ela a assumisse como tutora. Após levar a questão à diretoria da casa, e ter sido alertada da necessidade de falar com a avó da menina, que deu seu consentimento. O relato, no entanto, muda de foco, pois ela passa a abordar as acusações recebidas, relacionadas à gestão do Abrigo e o tratamento dispensado às crianças. Florina, mais uma vez, atribui essas acusações aos “espíritos inimigos”, e afirma que venceu

em nome de Deus, e em seu nome agradeço essas provas tão duras, mas que esses médiuns que se prestam aos espíritos inimigos, não percam sua existencia, por persistirem no erro e no mal. Eu peço à Deus por esses irmãozinhos que tem servido de intérpretes, para eu avançar mais rapidamente pelo caminho do progresso espiritual (SOUZA, s/d, p.16-17).

Mais adiante no texto, Florina elenca quatro desejos em relação ao seu futuro e das pessoas próximas:

Janeiro de 1947: Meu coração pertence aos meus queridos: pais, esposo, filhos e demais parentes. Também aos entes queridos que venho procurando encaminhar na vida e que são as abrigadas no Instrução e Trabalho. Com muita esperança venho mantendo a minha vida planetária. Primeiro.. que meus pais não sigam para o Além é o que desejo, isso é um egoísmo que queremos justificar e que não é justo, na família espírita. 2º que meus irmãos, na proporção que vão evoluindo não me deixem em abandono é uma reminiscência do passado que me faz tremer ante o abandono dos meus. 3º Que meu esposo compreendendo os anseios que tenho de fazer algo, que deixei de fazer em outras existências não me embargue os passos para sua realização, trabalhar pela infância que talvez em muito devo. 4º Que meus filhos, dados por Deus, não desmintam a educação espírita, e procurem sempre cumprir suas iniciativas dentro da Seara do Mestre (SOUZA, s/d, p.20).

Este trecho permite reforçar, uma vez mais, o peso que Florina atribuía ao espiritismo em sua vida, e, mais especificamente, a seu trabalho no movimento espírita. Nesse sentido, cabe destacar a importância que ela atribui às abrigadas do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho nesta passagem e, também, para uma perspectiva de futuro para si, para o esposo e para os filhos que passa pela dedicação à doutrina.

A partir da página 25 de sua autobiografia, Florina apresenta relatos distintos daqueles que predominaram até então. Passa a falar sobre os estudos dos filhos, sobre a comemoração do Natal e do aniversário de 26 anos de casamento, sobre viagens que realizaram e, também, sobre a formatura do filho Denizard em medicina, no Rio de Janeiro, ou a ida do filho Flamarion para a mesma cidade, também para estudar. Introduce essas passagens da seguinte forma: “Não deixarei escrito para meus filhos apenas o que me causou dores e lágrimas amargas. Vai aqui minha alegria (...)” (p.24). Nas páginas finais do texto, que conclui com o relato sobre a formatura em medicina do filho Paulo, em nota datada de 14 de dezembro de 1950. Aborda, também, a morte de seu irmão Moisés, aviador, em um desastre aéreo, em 1948.

Como anexo à cópia da autobiografia a que tive acesso, encontram-se poemas escritos por Florina, destinados aos irmãos, filhos, ao esposo, à mãe e à Sociedade, bem como uma cópia da “carta-testamento” de João da Fontoura e

Souza, que será abordada mais adiante, e uma folha datilografada, com um pequeno histórico da SEFEC, datado de 13 de abril de 1957, em alusão aos 30 anos da inauguração oficial da entidade. Em um destes poemas, denominado *Ao meu esposo*, datado de 02 de fevereiro de 1947, faz referência a um fato que não foi citado anteriormente nesta autobiografia, e que é recordado na primeira página da biografia sobre João da Fontoura e Souza, a um filho que “não viu a luz do dia”. Não há, nestes textos, maiores informações a respeito.

A *Biografia de Florina da Silva e Souza (1902-1971)*, escrita por sua filha Nilza Souza Dias, em 1997, foi produzida, conforme consta em seu resumo, “com o objetivo de tornar público sua vida de luta em prol das crianças necessitadas e analfabetas” (DIAS, 1997, s/p), para justificar a escolha de seu nome para designar a escola de primeiro grau incompleto mantida pela Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança (SBPAC), no atual município de Itaara/RS. Apresenta uma estrutura bastante similar à de um texto acadêmico, com a citação de fontes e de referências bibliográficas, o que pode ser explicado pela formação e atuação profissional da autora, dentista e professora universitária.

A biografia de Florina elaborada por Dias (1997) está centrada em sua trajetória individual, dando destaque para sua atuação enquanto mãe e espírita em vida, e a influência que continuava a exercer após a morte, especialmente para os filhos e demais descendentes. De forma geral, o texto destaca a sua atuação enquanto dirigente e adepta da doutrina espírita, bem como em obras de caridade e assistência à infância, o que deve ser ressaltado, pois esta biografia visa justificar a escolha de seu nome para batizar a escola da SBPAC. Nos momentos em que aborda a relação com a família, a vinculação com o espiritismo é patente. Outra característica marcante do texto é a utilização frequente de trechos da autobiografia de Florina, que será analisada mais adiante.

Na primeira página do texto, após apresentar os dados de seu nascimento, de seus pais, avós e irmãos, a autora fala sobre a adesão da família da mãe ao espiritismo, em virtude de uma doença psiquiátrica que atingiu a uma das irmãs, que não é citada no texto. Dias (1997) cita uma declaração de sua tia Idelares da Silva Dalcol, que afirma que sua irmã “apresentava ataques seguidos, falando coisas que não eram compreendidas nem pelos nossos pais” (s/p). O desconhecimento sobre a natureza desses fenômenos, conforme o texto, leva a família a frequentar sessões

espíritas, influenciadas por uma amiga da família, Dona Laura, fundadora de um centro espírita, e de sua tia Paulina.

Dias (1997) afirma que Florina, desde muito jovem, lecionava para crianças da redondeza, “que eram muitas e pobrezinhas” (s/p), além de ter alfabetizado seus irmãos. Em um trecho seguinte, fala sobre a sua vinculação com o espiritismo, destacando a influência que a mediunidade exercia em sua vida:

Florina desenvolveu seus conhecimentos graças a sua mediunidade, pois além de ser médium escrevente, era ouvinte, vidente e médium de efeitos físicos. Através das comunicações que recebia, a menina se desenvolvia culturalmente. Desde muito moça trazia o dom da cura e do receituário. São numerosas hoje as testemunhas que comprovam estes dons de Dona Nenê⁶⁰ (DIAS, 1997, s/n).

Em 1920, começa a trabalhar como professora, no distrito de Pau-a-Pique. Nesse ano, participa da fundação de dois centros espíritas, o Paz, Amor e Caridade, na localidade de Água Boa, e o Grupo Espírita Caminho da Verdade, em Pau-a-Pique, sediado em sua residência. Conforme a biografia, “Florina recebia toda pessoa que se sentisse necessitada de passe, água fluída e até mesmo medicamentos e alimentos” (DIAS, 1997, s/p). Neste período, conhece João da Fontoura e Souza.

Nas páginas seguintes, Dias (1997) fala sobre o casamento de Florina com João da Fontoura e Souza, no Natal de 1920, e a atuação do casal no movimento espírita, especialmente com sua participação na refundação da Aliança Espírita Santa-mariense, em 1921, e a reorganização da mesma em 1924, e, também, sua ligação com a homeopatia, a partir da fundação da Farmácia Homeopática Cruz Vermelha, em 1926. O texto busca ressaltar o grande esforço pessoal exigido a Florina para a manutenção das atividades da farmácia.

Nesse mesmo ano, Florina “reuniu diversas amigas para estudar a possibilidade de se fundar uma sociedade de estudos da Doutrina Kardecista e Prática da Caridade a todos, sem distinção de classe, cor e nacionalidade” (DIAS, 1997, s/n). Essa entidade seria oficialmente inaugurada em 1927 com o nome de Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SEFEC). À ocasião da abertura da nova casa, atribui-se a um espírito chamado José Bonifácio uma mensagem na qual deixa recomendações para as fundadoras da nova instituição:

⁶⁰ Apelido de Florina da Silva e Souza.

Queridas filhas, podeis trabalhar que a proteção de Deus e seus delegados acham-se convosco. Está presente vosso Protetor que procura esclarecer e iluminar vossos espíritos.

Trabalhai unidas que as bênçãos e as luzes irradiarão sobre vós. Esperai sempre com fé e amor as instruções necessárias que nunca vos hão de faltar.

Assim, procurai trabalhar em benefício dos sofredores que Deus vos recompensará e os espíritos amigos se rejubilarão com o vosso esforço, procurai em comum acordo formar a Diretoria que regerá os destinos deste novo grupo.

Que Deus vos inspire e que Jesus e os vossos protetores os auxiliem em vossas dificuldades. Sou protetor e guia de vossos trabalhos, um dos mais pequenos no espaço, porém de boa vontade e que em tudo vos auxiliará.

Avante filhas, avante e tudo vos será fácil (DIAS, 1997, s/p).

Em 1931, Florina teria recebido uma comunicação do “espírito assinado por um amigo, o humanitário Dr. Pantaleão” (s/p) sobre a necessidade de amparar as crianças órfãs, o que inspiraria a fundação do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, vinculado à SEFEC, que inicia suas atividades em 1931 e foi inaugurado oficialmente no ano seguinte. Dias (1997) afirma que, com a fundação do Abrigo, “iniciou a grande missão de Dona Florina” (s/p).

Nas páginas seguintes, a biografia aborda a atuação de Florina como presidente da SEFEC e responsável pelo Abrigo Espírita Instrução e Trabalho, ocupando um espaço considerável no conjunto do texto. Apresenta uma série de informações sobre iniciativas realizadas pela Sociedade, semelhantes àquelas relatadas na autobiografia, e já mencionadas neste texto. Dias (1997) também relata a criação de empresas por parte da família, como o Serviço Médico Particular (SAMPAR) em 1955 e do curso preparatório Riachuelo, em 1959. Menciona, também, a participação de Florina da Silva e Souza na Sociedade Espírita Vianna de Carvalho, fundada em 1957, na Sociedade Beneficente João da Fontoura e Souza, criada em 1963, como homenagem a seu esposo, falecido naquele ano.

Em 1966, é criada a Sociedade Beneficente de Amparo e Proteção à Criança (SBPAC), no então distrito de Itaara, da qual Florina foi presidente. Dias (1997) apresenta informações sobre a nova entidade, que tem como finalidade principal a assistência à infância, através de creche, educandário, aprendizagem de atividades domésticas e profissionais, assistência médica e odontológica, entre outros serviços (DIAS, 1997, s/n).

O texto incluiu, ainda, referências a acontecimentos posteriores ao falecimento de Florina da Silva e Souza, em 1971, como a fundação do Centro

Médico Hospitalar (atual Hospital São Francisco) em 1984 ou a doação de terras e inauguração da escola, creche e pré-escola pela SBPAC, por exemplo. Dias (1997), em relação a estes e outros acontecimentos que enumera, afirma que essas ações foram realizadas “sob inspiração” de Florina e João da Fontoura e Souza. Isso indica, especialmente se relacionarmos com outras fontes, como a “carta-testamento” de João, que a ideia de inspiração pode ser relacionada, de certa forma, com o cumprimento de um projeto familiar. Ao concluir o texto, Dias (1997) afirma que “somos muito pequenos para avaliarmos o trabalho e a dedicação que Florina da Silva e Souza deixou como um rastro de luz, como um exemplo aos seus descendentes, amigos, parentes, enfim, a toda a família espírita que com ela conviveu” (1997, s/p). Reforça, uma vez mais, o caráter central do espiritismo em sua vida e, também, de sua influência e da família dentro do movimento espírita santa-mariense.

3.3 A BIOGRAFIA E OUTROS ESCRITOS SOBRE JOÃO DA FONTOURA E SOUZA

Nas biografias de Florina da Silva e Souza, o esposo é referenciado de forma constante. Notoriamente, exerce um papel fundamental tanto na vida familiar, como no seio das entidades espíritas a que esteve vinculado, mesmo em situações nas quais ele inicialmente questionou ou discordou de iniciativas da esposa. No entanto, é pertinente, neste esforço de compreender a memória constituída pela família, analisar os diferentes acontecimentos a partir de um texto que está focado na figura de João: sua biografia, escrita pela filha Nilza Souza Dias. Este texto apresenta uma estrutura textual semelhante à biografia que a mesma autora escreveu sobre Florina. Igualmente utiliza uma série de fontes para a escrita, como jornais, boletins informativos, documentos das instituições e depoimentos, citadas em uma relação de referências bibliográficas no final do texto.

O texto inicia de forma semelhante àqueles já abordados neste trabalho, isto é, com a apresentação de dados genealógicos. Apresenta informações sobre o seu nascimento, sua vinda à Santa Maria e as primeiras atividades profissionais que desempenha), além de mencionar o casamento, realizado em 25 de dezembro de 1920, com Florina Pereira da Silva. (DIAS, s/d, p.1). Na página seguinte, apresenta informações sobre os filhos, com sua data de nascimento, cônjuge, profissões e

número de filhos. A inserção desse tipo de dados é comum aos outros textos biográficos.

Em 1926, funda a Farmácia Cruz Vermelha. Como homeopata, ele

(...) muito distribuiu vidros de medicamentos homeopáticos em várias regiões deste solo gaúcho e mesmo para fora do Rio Grande do Sul. Não existia um ambulatório pobre nos centros espíritas da cidade que não possuísse as homeopantias dinamizadas por João da Fontoura e Souza (DIAS, s/d, p.3).

O desejo da continuidade de sua obra como farmacêutico e homeopata está expresso na carta-testamento, e também através do relato de Dias (s/d), quando esta afirma que “o sonho de João da Fontoura e Souza foi realizado quando ainda encarnado, assistiu a formatura de dois dos seus filhos farmacêuticos, pela UFSM, Magdalena e Victor Hugo” (p.3). Dias, ainda, ressalta que esse projeto continua vigente até os dias atuais⁶¹.

A biografia destaca a inserção de João no movimento espírita, desde jovem. Em 1909, ele já frequentava sessões espíritas, a partir da chegada à cidade de um de seus grandes amigos e figura expressiva na história do espiritismo em Santa Maria/RS, Octacílio Carlos Aguiar (DIAS, s/d, p.4). Nos anos seguintes, o texto destaca a participação de João e da família na fundação de diversas sociedades espíritas, em companhia de amigos como o próprio Octacílio, Fernando do Ó, a família Duarte, a família Conrad e a família Silva, de sua futura esposa, entre outros. Em 1921, participou da fundação da Aliança Espírita Santa-mariense. Esta nova entidade ficou três anos paralisada, sendo reorganizada em 1924, com sua participação na diretoria.

Dias (s/d) passa a reproduzir o documento “Históricos e fins da Aliança Espírita Santa-mariense”, escrita por João da Fontoura e Souza. Neste texto, relata a constituição da entidade, sua reorganização em 1924, com decisiva intervenção do presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), o espanhol Ángel Aguarod, um dos fundadores da entidade, permanecendo à frente da mesma até

⁶¹ Para além da Farmácia Cruz Vermelha, que chegou a ter filiais na cidade e um Laboratório Industrial, os filhos e netos de João da Fontoura expandiram a atividade da família na homeopatia através de outras farmácias na cidade de Santa Maria/RS e em outros municípios, como Londrina/PR, Caçador/SC, Caçapava do Sul/RS e Bagé/RS. Atualmente, encontram-se em funcionamento, em Santa Maria, a Farmácia Cruz Vermelha e a Farmácia Homeopática Souza Marques (DIAS, s/d, p.3).

1927⁶². Nos anos seguintes, a Aliança intensifica as suas atividades, tendo como objetivo principal a unificação do movimento espírita da cidade.

De forma sucinta, elenca algumas realizações da família, nas quais João da Fontoura e Souza esteve vinculado ou, conforme o vocabulário utilizado no texto, inspirou os filhos, como a realização da 1ª Exposição-feira de livros espíritas (entre 18 e 22 de abril de 1956), a fundação do Serviço Médico Particular (SAMPAR), também em 1956, e a criação do curso preparatório Riachuelo, pelo filho Paulo da Silva e Souza e sua esposa, em 1959 (p.7). Em 16 de abril de 1963, falece e, em sua homenagem, a esposa e a família fundam a Sociedade João da Fontoura e Souza. Na biografia, Dias (s/d) apresenta, ainda, dois textos alusivos ao falecimento de João, publicados pelo Jornal *A Cidade*, que aborda o seu legado, e pelo jornal *O Contabilista*, do qual ele foi um dos criadores, da Associação Beneficente dos Contabilistas do Rio Grande do Sul, cujo foco está em sua atuação como contabilista.

Por fim, Dias (s/d) apresenta o subtítulo “Lazer do Sr. João da Fontoura e Souza”, entre eles a agricultura, com destaque para a produção de leite e farinha de soja, que “distribuía gratuitamente em sua farmácia Cruz Vermelha aos pobres e necessitados, crianças desnutridas de Santa Maria” (p.10), o cultivo de videiras ou a construção de moinho e produção de farinha. Cita, também, o hábito de visitar o presídio central da cidade, nos domingos pela manhã, distribuindo aos presos o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. No período de implantação do espiritismo em Santa Maria, ele e sua irmã imprimiam e distribuía folhetos de divulgação espírita, que eram oferecidos, no dia 2 de novembro, aos que visitavam os seus mortos nos cemitérios, deixando-os sobre os túmulos (p.10). A música, a aprendizagem do esperanto e a tecelagem também eram alguns de seus hábitos.

A “carta-testamento” de João da Fontoura e Souza, citada como fonte para a produção da biografia, conforme relatos informais⁶³, teria sido motivada pelo susto provocado por uma queda doméstica, muitos anos antes do seu falecimento (desconhecemos a data precisa, embora indícios presentes no texto indiquem que deve ter sido escrito na década de 1940). O uso de aspas para se referir à carta é explicado pelo teor do texto e, principalmente, porque nas primeiras linhas, João

⁶² Conforme biografia presente no site da Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Angel%20Aguarod.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2016.

⁶³ Obtidos através dos contatos realizados com a família durante a busca por fontes documentais para a pesquisa.

afirma que “isto não é um testamento. É uma recomendação, um conselho”. Nas três páginas, ele aborda basicamente três pontos: sua trajetória individual, recomendações à família em relação a seus bens e o sonho para o futuro dos filhos, relacionados ao espiritismo, à saúde e à caridade. Em relação ao primeiro ponto, fala sobre suas atividades profissionais, sobre a Farmácia Cruz Vermelha e sobre as dificuldades que enfrentavam. Em segundo, deixava recomendações em relação à gestão da farmácia e aos assuntos financeiros, com reprimendas à conduta de alguns dos filhos. Quanto ao último ponto, João projetava que os quatro filhos mais velhos se formariam em medicina e farmácia, e deveriam abrir três consultórios médicos, com atendimento a operários e a população mais pobre a preços baixos, além de um hospital que deveria ser instalado no Pinhal (Itaara) e uma clínica gratuita na enfermaria do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho. Deveriam ser construídos, também, várias infraestruturas nas terras da família, como açude, moinho, granja, plantações, entre outras. Conclui a carta com a seguinte frase: “Sejam os homens que nossa pátria precisa e que a Doutrina dos Espíritos preconiza homens bons”.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BIOGRAFIAS DE FLORINA E JOÃO

Os quatro textos analisados neste capítulo, embora apresentem diferenças estruturais entre si, apresentam características comuns sobre a família. Identifica-se claramente uma forte influência dos valores espíritas tanto na história da família como na forma de relatá-la, especialmente na autobiografia de Florina Silva e Souza. Em várias das passagens, a referência à interação com o mundo espiritual é recorrente no conjunto do texto, como exemplificam os relatos sobre a fundação da SEFEC e do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho.

De forma geral, o relato construído por Florina em sua autobiografia, e que influencia a escrita dos demais textos biográficos aqui abordados, tem o espiritismo como eixo. Ela busca reforçar seus valores espíritas, especialmente na forma como reage às adversidades e em como atua nos projetos que encabeça. Seu papel como esposa e como mãe também está permeado por esses valores e pelas responsabilidades que ela assume, sobretudo na SEFEC e no Abrigo Espírita Instrução e Trabalho. Sua autobiografia é pautada, em grande medida, por memórias relacionadas a essas duas entidades.

Observa-se, no texto, a constante referência à formação espírita da família. A menção sobre a mediunidade de Florina e de João, por exemplo, ressalta essa vinculação, com a expressa ressalva de que essa capacidade serviria para ajudar aos mais necessitados. Essa preocupação, segundo o enredo biográfico, está presente em Florina desde jovem, ou seja, dá um sentido de continuidade ao longo da vida, seja através da homeopatia ou das ações voltadas para a caridade. Na autobiografia, a narrativa elaborada por Florina indica elementos constitutivos de uma identidade permeada pelo espiritismo, que se faz presente de distintas formas ao longo de sua vida, seja através de sua atuação nas entidades espíritas, seja em sua vida pessoal. Constitui-se, no texto, uma “Florina espírita”, que apresenta um comportamento característico, e que busca explicações no espiritismo para suas dúvidas e anseios.

Outro elemento marcante dos textos diz respeito a um projeto familiar, em torno da prática do espiritismo kardecista; da homeopatia e a manutenção da Farmácia Cruz Vermelha; da atuação em obras e ações voltadas para a caridade, como a SEFEC, o Abrigo e a SBPAC; e da atenção à saúde através de consultórios, clínica e hospital com atendimento para as pessoas mais pobres. No caso da carta de João da Fontoura e Souza, a ideia de projeto (no texto, expressa como um “sonho”) é claramente defendida. Candau (2012) aborda de forma específica a memória genealógica e familiar enquanto elementos constitutivos de uma identidade particular da família. Nas narrativas biográficas sobre a família Silva e Souza, a referência à genealogia é comum. Os relatos sobre as ações dos filhos de Florina e João, presentes na biografia escrita por uma das filhas do casal, Nilza Souza Dias, por exemplo, estão marcados pela “inspiração” dos pais, ou seja, há indícios de uma identificação com visões ou projetos que são compartilhados pela família. Outrossim, é patente a constituição de uma identidade espírita, especialmente a partir do relato de Florina da Silva e Souza. É pertinente destacar, à luz das categorias definidas por Arribas (2014), que Florina da Silva e Souza expressa em sua autobiografia a construção de uma autoridade institucional, enfatizando o papel ativo que exerce na criação e desenvolvimento da SEFEC e do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho.

Além desses elementos, é evidente um esforço de defesa de si e do grupo do qual faz parte por parte dos membros que escrevem os textos. Dona Florina claramente defende uma trajetória ilibada e vinculada aos valores morais que ela advoga para o espiritismo, constituindo todos os enfrentamentos como uma

manifestação de “espíritos maus”. De forma semelhante, os demais textos afirmam a importância da família e dos seus valores. O grupo, como um conjunto, não apresentou uma trajetória linear. Pelo contrário, são trajetórias repletas de contradições e esforços de defesa, daí a importância que assumem os textos que eles produzem para a reafirmação da perspectiva da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou apresentar e analisar elementos biográficos sobre a trajetória da família Silva e Souza, especialmente de João da Fontoura e Souza e Florina da Silva e Souza, considerando a sua inserção no movimento espírita santamariense e na área da saúde, da caridade e da promoção de obras assistenciais. Buscou-se explorar, também, a construção da memória familiar, expressa através de textos de natureza biográfica e autobiográfica.

O primeiro capítulo, a partir da bibliografia produzida no Brasil a respeito do fenômeno espírita, buscou abordar a trajetória do espiritismo, destacando elementos que posteriormente seriam importantes para a análise da trajetória da família Silva e Souza, como a prática da caridade e as obras de assistência social, a questão do tratamento destinado às crianças e jovens em situação de pobreza ou abandono e as semelhanças entre o espiritismo e a homeopatia no tocante à saúde e às doenças.

O segundo capítulo explorou a biografia da família Silva e Souza, considerando especialmente a sua atuação no movimento espírita, na área da saúde e da caridade. Para tal, buscou-se aporte nas reflexões sobre a escrita biográfica, e também, sobre o uso na pesquisa histórica de arquivos pessoais. O terceiro capítulo, por sua vez, buscou analisar textos biográficos e autobiográficos escritos pela própria família, observando a construção de memórias e de uma identidade familiar em torno da prática do espiritismo.

A família Silva e Souza, desde as primeiras décadas do século XX, atuou de forma intensa na constituição e condução do movimento espírita em Santa Maria (RS), a partir da fundação da Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade (SEFEC) e da Aliança Espírita Santa-mariense. Outrossim, também exerceu destacada atuação em obras de assistência social, como o Abrigo Instrução e Trabalho e a Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança (SBPAC). Observando-se as características dessas instituições e do trabalho realizado pela família Silva e Souza junto a elas, é possível afirmar que o movimento espírita santamariense possui características semelhantes às identificadas por diferentes autores que abordaram o desenvolvimento do espiritismo no Brasil e no Rio Grande do Sul, como Giumbelli (1997), Gil (2008), Aubrée e Laplantine (2009) e Arribas

(2008,2014), como a ênfase na prática da caridade, a busca pela união entre as entidades espíritas e o predomínio do aspecto religioso do espiritismo.

No que tange à análise da constituição da memória familiar, foi possível identificar a articulação de um discurso que situa o espiritismo como eixo fundamental das iniciativas tomadas pela família. Observa-se que Florina da Silva e Souza reivindica o seu papel de liderança ativa na SEFEC e no Abrigo Espirita Instrução e Trabalho, entre a sua fundação e a década de 1950, momento em que deixa de colaborar com ambas entidades. A criação da SBPAC é, de certa forma, a continuação das atividades em torno da atenção à crianças e jovens em situação de pobreza. Essa instituição, segundo a documentação consultada, funciona de forma muito semelhante ao Abrigo, oferecendo alimentação, cuidados de saúde, educação e aprendizado de ofícios, e também, valores espíritas.

Florina da Silva e Souza, em sua autobiografia, constrói um relato no qual suas ações, seja na direção das instituições, seja no trato pessoal com o esposo e familiares, estão sempre pautadas pela doutrina espírita. Em várias ocasiões, relata momentos em que é “colocada à prova”, como no episódio da escrita da Tese *Assistência Social*, no qual, após o desprezo expresso pelo esposo à sua pretensão de apresentar uma tese no I Congresso Estadual Espírita. Como reação, ela relata uma visão, relacionada ao movimento espírita de Santa Maria e a necessidade de proteger e amparar as crianças necessitadas, o que leva João a psicografar um texto, que viria a ser a tese. Nessa situação, como em outras citadas no texto, a reação de desconfiança ou incredulidade de João é atribuída aos “maus espíritos”, ou seja, explicada a partir da ótica espírita. Há uma perspectiva de ressentimento no esforço de reconstituir a trajetória a partir da afirmação das vitórias pessoais do indivíduo envolvido em tantas calúnias, sempre administradas pelo olhar do espiritismo.

Este estudo, com as lógicas limitações inerentes à pesquisa histórica, como o tempo e o acesso às fontes, buscou analisar e destacar a trajetória de indivíduos que exerceram um papel destacável para a conformação do movimento espírita em Santa Maria (RS), além de contribuir em outros âmbitos, como a área da saúde e a promoção de obras assistenciais espíritas. Nesse sentido, acredita-se que este trabalho pode dar a sua contribuição. Outrossim, cabe salientar as possibilidades de pesquisa em relação à história do espiritismo no Rio Grande do Sul e em Santa Maria, com um grande número de instituições, agentes e possíveis abordagens a

serem exploradas. Do mesmo modo, são pertinentes estudos sobre a história da prática homeopática na cidade, inaugurada pela Farmácia Homeopática Cruz Vermelha em 1926. Abrimos muitas possibilidades de análise, que poderão ser exploradas por outros estudos a partir daqui.

REFERÊNCIAS

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, M.R.C; NAXARA, M. **Memória e (res) Sentimento** - Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp. 2001. p.15-34.

ARAÚJO, A. C. D. **O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”: Ciência, Filosofia e Religião nos escritos de Alan Kardec.** 2014. 287p. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

ARRIBAS, C.G. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. 226 p. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

_____. O caráter religioso do espiritismo. **Fragmentos de Cultura.** Goiânia v. 23, n. 1, p. 3-16, jan./mar. 2013.

_____. **No princípio era o verbo:** Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. 2014. 255 p. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos:** gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009. 403p.

AVELAR, A.S. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Revista de História (UFES).** Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010.

BEBER, C.C. **Santa Maria 200 Anos:** História da Economia do Município. Santa Maria: Palotti, 1998.

BERTONHA, J.F. A construção da memória através de um acervo pessoal: O caso do fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). **Patrimônio e memória.** Assis. v.3, n.1, p. 112-120, 2007.

BORIN, M. R. **Por um Brasil católico:** tensão e conflito no campo religioso da república. 2010. 369f. Tese (Doutorado em Estudos Históricos e Latino-Americanos), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (coord). **Usos e abusos da história oral.** 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361 p

_____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação.** 9.ed. Campinas: Papyrus, 2008. 227 p.

BRASIL. **Decreto nº 870, de 11 de outubro de 1890.** Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=847&tipo_norma=DEC&data=18901011&link=s>. Acesso em: 29 dez. 2016.

CAMURÇA, M. A. Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais em Juiz de Fora: 1900-1960. **Locus Revista de História.** Juiz de Fora, vol. 7, n. 1, p. 131-154, 2001. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/01/103.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

_____. Entre o carma e a cura: Tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. **PLURA, Revista de Estudos de Religião.** Associação Brasileira de História das Religiões. vol. 7, nº 1, p. 230-251, 2016. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1181/pdf_167>. Acesso em 22 out. 2016.

CANDAU, J. **Memória e Identidade.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, M. T. S. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual do registro digital. **Revista História da Educação.** Porto Alegre, v. 21 n. 51, p. 187-206, Jan./abr., 2017.

DAMAZIO, S. F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FLÔRES, J.R.A. **Profissão e Experiências Sociais entre Trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Santa Maria (1898-1957).** 2005. 586p. Tese (Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005.

GIL, M.F. **O Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais.** 2008. 186p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Sociologia e Política). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

GIRARDI, F. **A prática da caridade e a atenção à criança pelo Espiritismo: O caso do Abrigo Instrução e Trabalho, em Santa Maria/RS (1931-1973).** 2005. 52 p. Monografia (Bacharelado em História), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: 2014.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: acusação e legitimação do espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____. O “Baixo Espiritismo” e a História dos Cultos Mediúnicos. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v. 19, 2003. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/TCC/Giumbelli,%20E_%202003.pdf>. Acesso em 30 dez. 2016.

GOMES, A. C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p. 121-127, 1998.

_____. GOMES, A.C. Prólogo. In: _____. (org). **Escrita de si**. Escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.7-24.

HERRERO, A.; HERRERO, F. **La cocina del historiador**. Reflexiones sobre la historia de la cultura europea. Banfield: Ediciones de la UNLa, 2002. 95 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 215 p.

KARDEC, A. **O livro dos Espíritos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Centro Espírita León Denis, 2011. 490 p.

_____. Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec: O Espiritismo é uma religião? In: KARDEC, A. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Brasil: Federação Espírita Brasileira, 1858, Ano XI, n. 12. p.483-494. Tradução de Evandro Noletto Bezerra.

LEWGOY, B. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.44 n.1. p.53-116. 2001.

LINS, D. A. S. **Ciência e religião no Rio Grande do Sul: Apometria como prática de cura espírita**. 2016. 128 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

LUZ, M.T. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: História social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial. 1996. 342 p.

MATTOS, R.S. **Que Espiritismo é Esse? Fernando do Ó e o Contexto Religioso de Santa Maria - RS (1930-1940)**. 2014. 188 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MELUCCI, A. **O Jogo do Eu** – A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

MIGUEL, S.N. **Espiritismo unificado: Movimento espírita brasileiro e suas relações com o Estado (1937-1951)**. 2007. 110 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e Biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias (UFRGS)**. Porto Alegre, v. 17, p. 240-265, 2007. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1041>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10,1993, p. 07- 28.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

PROCHASSON, C. “Atenção: Verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.105-120, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em 15 jul. 2016.

SAUSSE, H. Biografia de Allan Kardec. In. KARDEC, A. **O que é o Espiritismo Introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos**. [tradução da Redação de Reformador em 1884] – 56. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. p. 07-38

SCHERER, B.C. O discurso espírita sobre o catolicismo e a umbanda na revista “A Reencarnação” (Rio Grande do Sul - Década de 1950). In: II Simpósio Internacional / XV Simpósio Nacional / II Simpósio Sul da ABHR, 2016, Florianópolis - SC. **Anais do II Simpósio Internacional / XV Simpósio Nacional / II Simpósio Sul da ABHR**. Florianópolis: UFSC, 2016. v. 1. p. 1-16.

_____. **A Federação Espírita do Rio Grande do Sul e a organização do Movimento Espírita Rio-Grandense (1934-1959)**. 2015. 176 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

_____. **Ações Sociais do espiritismo: A Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade, Santa Maria - RS (1932-1957)**. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013, 87 p.

SCHERER, B.C.; WEBER, B.T. Opções de intervenção social do espiritismo: o Lar de Joaquina (Santa Maria - RS). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, Ano V, n 13, p. 93-108, maio 2012. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf12/05.pdf>>. Acesso em 30 dez. 2016.

SCHMIDT, B. B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História (São Paulo Online)**. São Paulo, v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em 30 dez. 2016.

_____. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, M.; GIMENES, R.A.O. **Narrar o passado, repensar a história**. 2. Ed. Campinas: Unicamp/IFCH, 2014. p.191-202.

SILVA, E. M. **O espiritualismo no século XIX**. Textos Didáticos. n. 27. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997. 84 p.

SILVA, F.L. **Céu, inferno e purgatório: Representações espíritas do além**. 2007. 169 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP-ASSIS), Assis, 2007.

SILVA, G. M. A responsabilidade “penal” do adolescente no Brasil: uma breve reconstrução sócio-histórica. In: _____. **Ato Infracional: fluxo do Sistema de Justiça Juvenil em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

STOLL, S. J. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da USP; Curitiba: Editora Orion, 2003. 294 p.

_____. Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.45, n.2, p.361-402. 2002.

WANTUIL, Z. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1958.

WEBER, B.T. Medicina intuitiva, Homeopatia e espiritismo na Revue Spirite - 1858-1869. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 60-74, jul.-dez. 2013. Disponível em: < <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/articloe/view/233>>. Acesso em 01 out.2016.

WEBER, B.T.; SCHERER, B. C. A Sociedade Espírita Estudo e Caridade: Reflexões sobre a trajetória espírita em Santa Maria – RS. In: ZANOTTO, G. (org.). **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul**. v.1. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2012. p.19-37.

WITTER, N. A. As escolhas do povo. In: _____. **Dizem que foi feitiço: As práticas da cura no Sul do Brasil (1845 a 1880)**. Coleção História-43. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Fontes

1. Acervo pessoal de Nilza Souza Dias

- Autobiografia manuscrita “Períodos de ‘uma existência’ começada no ano de 1902”, de Florina da Silva e Souza.
- Biografia de João da Fontoura e Souza (1895-1963), de Nilza Souza Dias (s/d).
- Carta de João da Fontoura e Souza, sem data.
- DIAS, N.S. **Biografia de Florina da Silva e Souza (Dona Nenê) (16 de junho de 1902-28 de abril de 1971)**: Patrona da Escola de Primeiro Grau Incompleto “Florina da Silva e Souza”. Santa Maria: Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança/Educandário Ieda Maria, 1997.
- Discurso de Nilza Souza Dias na Câmara de Vereadores de Itaara (RS), no dia 03 de maio de 2016. Acervo pessoal.

2. Acervo pessoal de Florina Souza Pinto

- Ata de Fundação da Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança, de 20 de julho de 1966.
- Histórico da SBPAC, de 1992.
- Histórico da SBPAC, de 2011.
- DIAS, N.S. Sociedade Beneficente de Proteção e Amparo à Criança – Educandário Ieda Maria 1966/2016.

3. Acervo Farmácia Homeopática Cruz Vermelha

SOUZA, F.S. Farmácia Homeopática “Cruz Vermelha”: Dados históricos de nossa atividade durante 40 anos. 08 de março de 1966.

4. Acervo Aliança Espírita Santa-mariense

- ALIANÇA ESPÍRITA SANTA-MARIENSE. Texto “Aliança Espírita Santa-Mariense: 1921-2001. s/p.
- Texto “A Assistência Social”, 25 de agosto de 1945, p. 1. Acervo da Aliança Espírita Santa-mariense. ALIANÇA ESPÍRITA SANTA-MARIENSE. 80 anos. Santa Maria: 2001. s/p.

5. Acervo Sociedade Espírita Estudo e Caridade

- Ata n. 129, de 30 de outubro de 1955. Livro de Atas n. 6. Acervo da Sociedade Espírita Estudo e Caridade.
- Livros de Registro de Internos do Abrigo Espírita Instrução e Trabalho (1931-1973).
- Relatório de Atividades da SEFEC de 1953.